

O REI E EU

Minha Vida com Roberto Carlos

**Nichollas Mariano,
amigo íntimo, secretário e
mordomo do "Rei" por mais de
dez anos, conta aqui os detalhes
da sua vida com o maior ídolo
da música do Brasil.
Revelações inéditas.**

NICHOLLAS MARIANO

INÉDITO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Nichollas Mariano – o mordono do Rei

Ediplan Editora

Rio de Janeiro – RJ

1979

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que contribuíram para que esse livro chegasse ao público.

Aos radialistas, jornalistas, ao pessoal do disco, aos amigos feitos durante a minha permanência com Roberto Carlos e mantidos mesmo depois da minha saída.

Agradecimentos especiais ao Ademar Dutra da Rádio Globo (SP), que, através do seu programa, ajudou a escolher o título deste livro, a Maria Celina Fortuna, cuja carta inspirou o presente título.

Agradecimentos muito, mas muito, especiais mesmo ao amigo, escritor e editor Roberto Goldkorn, o maior responsável pela existência do Rei e eu.

Agradecimentos a Editora Abril pelas fotos cedidas.

O COMEÇO

CARTA ABERTA A ROBERTO CARLOS

Amigo. Quantas vezes essa palavra dançou na minha mente depois de ter sido ouvida dos seus lábios. Quase doze anos amigo! Tempo de uma aventura fantástica, louca, embriagadora, tudo vivido em alta velocidade, sorvido cada gota, era tudo ou nada.

Cada dia que passava não era apenas mais um dia. Cada dia que passava era menos um dia a nos separar dos nossos objetivos. E, quantos obstáculos, hein amigo! Descrença, inveja, traições falta de dinheiro... imagine, às vezes, o dinheiro não dava pro táxi, e tínhamos que pegar ônibus e até trem, lembra? Hoje, quando paro, e os pensamentos fazem fila para serem visitados, quando estou, às vezes sozinho no meu quarto e as recordações se achegam, não consigo conter um sorriso que teima em aflorar - será que foi tudo verdade? Até que ponto parou o delírio e começou a realidade? Quantas loucuras que redemoinho alucinante nos pegou (eu fui de reboque, é claro) virando tudo de cabeça para baixo, e invertendo as posições! Eu errei? Mas só amigo erra com amigo. Talvez pudéssemos estar juntos até hoje, se eu fosse mais esperto, mais ladino, mais maquiavélico, mas eu praticamente cresci na sua companhia, e aprendi com você o duro exercício da sinceridade, mesmo que o preço fosse alto.

Hoje, quando às vezes estou vagabundeando pela rua, vendo vitrinas, na praia, ou entro no cinema, me lembro de você, que dava tanto valor a sua liberdade de ir e vir, e que hoje está privado desses pequenos prazeres, e penso: “O Roberto ia gostar desse filme” ou “bem que o Roberto podia estar aqui agora”. Mas você está em outro universo, e agora entre nós existe um espaço infinitamente grande.

Por que escrevi esse livro? Porque acho que eu devia isso a mim mesmo; porque eu acho que nada é gratuito ou casual - eu tinha que estar na Rádio Carioca, quando você chegou com aquele 78 rotações

debaixo do braço; porque eu de repente tive uma vontade irresistível de diminuir um pouco esse abismo quase intransponível que existe entre nós, trazendo à tona os fragmentos de toda uma vida, vivida tão intensamente por todos que participaram da “aventura Roberto Carlos”.

Desculpe, amigo, se alguma coisa aqui não lhe agrade. Mas acho que fui, além de tudo, sincero e honesto. Para todos que lhe curtem sem lhe conhecer, para aqueles que veneram o ídolo, o semideus intocável, distante e imaterial, projetado pela máquina, esse livro só vai engrandecer a tua imagem tornando-a mais humana, mais palpável, mais próxima.

Por que escrevi esse livro? Porque acho que lhe devo isso.

Mais do que ninguém, eu sei que você é gente.

Recomendações a “seu” Robertinho; dê um beijo na Dona Laura e no resto da turma.

Para você, amigo, um abraço e até breve.

Tive uma infância simples e feliz. Apesar dos desencontros entre meus pais (que só mais tarde fui perceber), brinquei e curti como qualquer outro moleque da minha classe social, do meu tempo. Quando comecei a entrar no período a que chamam de adolescência, fui logo atraído pela febre musical da época e o seu ritmo alucinante - a febre era Elvis Presley e o ritmo, o rock'en roll. Isso foi por volta de 1959, e nessa época em que começava a ensaiar os primeiros passos do rock, nunca poderia imaginar que algum dia viria a participar da vida e do sucesso de um cantor que se tornaria um ídolo tão famoso e cultuado no Brasil quanto Elvis era nos EUA.

O rock entrou na minha vida pelas veias do meu corpo e, copiando os casais dos filmes americanos, fui aprendendo a dançar. Sempre usando minha irmã como cobaia, quero dizer parceira, chegamos a desenvolver um bom estilo de rock, o que nos levou à televisão e depois a shows itinerantes. Nossa estréia em televisão foi num programa de

grande sucesso no Rio de Janeiro, o “Clube do guri” do Samuel Rosenberg, que se propunha a descobrir novos talentos ainda em botão.

Dali fomos para a TV Continental levados por Maurício Rabelo que dirigia “Nós os Brotos”. O sucesso da nossa dupla foi tanto que passamos a fazer parte da caravana do Maurício, e íamos com freqüência à festas e bailes com o pessoal do programa. E, foi numa dessas festas que conheci uma pessoa que foi decisiva para o meu encontro com Roberto Carlos e, talvez, para a própria carreira dele; essa pessoa maravilhosa é Magda Fonseca, filha do Sr. Alceu Nunes Fonseca então proprietário da Rádio Carioca e de outra emissoras. Foi o começo de uma grande e bonita amizade.

Como já estava morando fora de casa, Magda me chamou para morar em sua casa e para trabalhar como seu assistente na Rádio Carioca, onde ela exercia uma função de relações públicas, atendendo à disk-jockeys, programadores, relações públicas de gravadoras e cantores que iam “trabalhar” seus discos. Com o correr do tempo fui me inteirando da rotina da emissora até que Magda conseguiu que eu passasse a ser discotecário.

MEU TRABALHO COM DISCOTECÁRIO

Magda criou alguns programas: “Escolha você o melhor”; “Parada Carioca”. E neste primeiro era dedicada meia hora a um só artista e ia ao ar todos os dias; Magda, nesta meia hora, levantava dados biográficos do artista escolhido, que eram enviados pelas gravadoras. Esses artistas eram escolhidos pelo maior número de cartas que fossem enviadas pelos ouvintes.

Naquela época, Elvis Presley estava no auge de sua carreira, e era muito solicitado pelos ouvintes; a própria Magda também gostava muito dele, havia semanas que ele aparecia duas a três vezes; além disso a maior admiradora de Elvis que eu conheci e que formou o primeiro fã-club de Elvis no Brasil, pedia as componentes desse fã-club de que enviassem muitas cartas para o programa.

A equipe da Rádio Carioca, além de mim e de Magda, era composta de disk-jockeys, programadores, repórteres, locutores, operadores e pessoal da parte administrativa. Entre esses funcionários estava Gilberto Lima que tinha um programa chamado “Café com Música”, atuou em várias emissoras do país e hoje encontra-se na Rádio Globo e na TV Globo.

Outro que se destacou foi Francisco Carioca, que bateu o record mundial de permanência no microfone, ficando 72 horas ininterruptamente.

Como discotecário, recebia vários suplementos musicais das gravadoras para que eu pudesse coordená-los e dar seqüência aos programas. Foi quando recebi um LP de um cantor desconhecido que me chamou atenção, por sua maneira de cantar e também pela letra de sua música, cujo título era “Louco por Você” e música de Carlos Imperial. O nome deste cantor era ROBERTO CARLOS.

Queria que Magda tocasse esse LP no seu programa de meia hora - "Escolha Você o Melhor", porém Magda não poderia tocá-lo pois não havia solicitações por carta do público e assim sairia das normas do programa. Foi quando entrou a minha primeira malícia no rádio Eu "fajutei" algumas cartas para atender à minha vontade, porque realmente ele tinha me impressionado muito e eu queria, de qualquer forma, ouvir aquele disco tocado no programa. Não adiantava, apenas, ouvi-lo na discoteca, eu queria fazer com que todas as pessoas gostassem também daquela músicas. Depois entreguei essas cartas à Magda e ela, assim pôde tocar o LP, pois agora não havia nada que a impedisse.

Muitas vezes, quando faltava algum disco para preencher os horários dos programas, eu colocava o LP "Louco por Você", pois como discotecário e programador, tinha essa codição. Por isso, meu apelido na Rádio passou a ser "Roberto", sendo até considerado como "fanzoco" do Roberto Carlos, mesmo sem conhecê-lo. Não sabia se ele era velho ou moço, sabia apenas como era sua voz; ele foi assim o meu primeiro ídolo brasileiro.

Passei a trabalhar em cima desse disco em outras rádios também. Nessa mesma época, fiz amizade com o presidente do Sindicato dos Radialistas, essa amizade decorreu do fato de que eu queria me sindicalizar, e também porque estava havendo uma pré-greve e comecei a colaborar com a mesma, distribuindo panfletos pelas emissoras de rádio, tornando-me, assim, mais conhecido no meio artístico.

CONHECI ROBERTO CARLOS

Um belo dia, eis que me surge o próprio Roberto, apresentado por Gilberto Lima, na Rádio Carioca, aonde eu estava trabalhando (no Rio de Janeiro).

Ele tinha comparecido à emissora para fazer um programa com o Gilberto Lima e, quando chegou, ninguém lhe deu a menor importância, pois não era nem um pouco conhecido, era apenas um “cara” que tinha gravado um LP e que estava ali para divulgar seu disco, não era um artista que chamasse a atenção de quem quer que fosse.

O Gilberto Lima, como disc-jockey, encontrava-se na sala principal da emissora e seu programa já estava no ar. Eu estava em outro lugar na discoteca—fazendo meu trabalho. Foi então que Gilberto gritou: “Ei, Mariano! o seu xará está aqui”.

Aí, mais do que depressa, peguei o LP “Louco por Você”, coloquei-o debaixo do braço - já sabia que era o Roberto Carlos que estava ali - parti correndo para a sala de controle. Sabia que o pessoal queria fazer minha apresentação ao Roberto só por “gozação”. Senti que queriam mostrar ao Roberto que ele tinha, ao menos, alguém que gostava dele, pelo menos um, e que esse cara era eu. É claro que ele talvez tivesse alguém que o apreciasse, fora da rádio, mas ali, naquela emissora, eu era o único que realmente gostava do seu trabalho.

Quando cheguei ao estúdio Gilberto Lima disse ao Roberto: Olha, esse aqui é Mariano, secretário da Magda. É o “cara” que mais toca você aqui na Rádio Carioca. Então você não se preocupe, porque seu disco vai ser realmente tocado. Este “cara” aqui toca seu disco o dia todo, a noite toda, se ele pudesse ele faria a programação só com você.

Você que é o Roberto? - perguntei.

Ele assentiu com um sorriso. Fique vivamente surpreso, pois não esperava que fosse tão jovem, com idade próxima à minha, porque eu

estava com 15 ou 16 anos e ele deveria ter seus 19 ou 20 anos. Justamente, por essa aproximação de idade me senti melhor na presença dele e tomei a liberdade de lhe dizer: Olha “cara”, eu gosto mesmo de você, não sei porque, mas gosto de suas músicas.

Daí, o levei até a discoteca para que ele me mostrasse seus trabalhos. Roberto apresentou seu novo disco, e me pediu uma “forcinha”: Olha, saiu este meu novo disco, e estou te trazendo - disse ele. Daí uma tocada, se possível, no programa da Magda.

O disco era um 78 rotações, que nem existe hoje em dia. Sua música principal era uma composição de Rossini Pinto chamada “Malena”. Eu escutei o disco, mas era outro estilo, não mais aquele que eu estava acostumado ouvir de Roberto: Olha, Roberto, não gostei muito, sabe, mas não se preocupe, que mesmo assim a gente vai tocar.

E, realmente fiz força para tocar no rádio.

DE COMO MARIANO TORNA-SE CUPIDO DO ROMANCE ENTRE ROBERTO E MAGDA

No momento em que eu conversava com Roberto na discoteca, Magda chegou à rádio. Estava muito bonita, bem vestida e o Roberto pediu-me para ser apresentado a ela. Eu logo notei um certo interesse da parte dele, mas fingi que nada havia percebido. Chamei a Magda até a discoteca e fiz a apresentação: Olha, esta aqui é a Magda, diretora da rádio, filha do proprietário; é também minha chefe.

Magda não falou nada, disse apenas “muito prazer”. Roberto também disse “muito prazer” humildemente. Ele realmente falava pouco, não tinha muito diálogo e, até hoje, só quando pega amizade com a pessoa é que se liberta mais um pouco.

Terminada a apresentação, o Roberto saiu e eu fui acompanhá-lo até a porta do elevador. Aí ele me fez a primeira confissão: Puxa, Mariano, essa moça é muito bonita...

É sim, disse eu.

Eu já tinha uma enorme simpatia pelo Roberto e senti que ele queria alguma coisa com a Magda, que namorava, na ocasião o Luiz Henrique, do qual não gostava; então pensei: “deixa eu dar uma força pro Roberto, assim o Henrique sai da parada...” Antes de ir embora, o Roberto me disse: Fale para a Magda que a convidei para ir ao cinema. Amanhã venho aqui e pego vocês.

Os três? - perguntei.

Os três. - ele respondeu.

Fiz a pergunta porque desejava ir ao cinema também, com Roberto e Magda. Se ele quisesse ir sozinho com ela, eu não iria deixar.

Depois que Roberto saiu, fui até Magda: Magda, o que achou de Roberto? Ah... Por quê? É que ele gostou de você...

É... Ele é simpático - disse ela.

Vamos ao cinema amanhã com ele? - arrisquei.

Ah, não sei... vou pensar.

Vamos, Magda, não tem que pensar nada.

Vendo tanta insistência minha, Magda falou: Puxa você gosta mesmo desse "cara", tá puxando mesmo o saco dele, hein? Eu não me importei com a observação e continuei insistindo de toda forma possível. Resumindo, ela concordou.

No dia seguinte, fomos todos juntos ao cinema, mas lá tive a minha primeira decepção com Roberto. Nem tudo é como a gente deseja, pois pensei que fosse participar mais ativamente, que fosse sentar o Roberto de um lado, a Magda no meio e o Mariano do outro lado, mas não foi isso que aconteceu. Roberto sentou-se na frente com Magda e os dois deram força para que me afastasse.

Fiquei lá atrás, remoendo de raiva.

Fui jogado para o segundo plano, e isso me deixou magoado. Nesse mesmo dia, eles começaram a namorar e eu, novamente, fui jogado "prá escanteio".

DE COMO MARIANO TORNOU-SE SECRETÁRIO E PASSOU A INTEGRAR A CORTE DO FUTURO “REI”

A estória de como fui morar com Roberto Carlos e sua família, começa com seu envolvimento no Sindicato dos Radialistas.

Adolescente, me entreguei de corpo e alma ao Sindicato. Qualquer coisa que acontecia na sede, lá estava eu, minha participação aumentou depois que recebi a carteirinha de sócio, sentindo um orgulho imenso por ser agora sindicalizado.

Um dia, o presidente do Sindicato me mostrou uns panfletos para serem distribuídos nas emissoras e perguntou-me se eu podia fazer o serviço. É claro que concordei. E, com os panfletos debaixo do braço, saí a distribuí-los pelas rádios (Globo, Mundial e outras).

Acontece que o Sr. Nunes da Fonseca, meu patrão e pai de Magda, tomou conhecimento de que eu fazia parte destas manifestações. Daí, é evidente, fui dispensado da Rádio Carioca.

Desempregado (na estaca zero novamente), quem me salvou mais uma vez foi Magda. Insistiu com seu pai, disse que eu não tinha para onde ir e, assim, embora despedido da rádio, continuei morando na sua casa. Magda sempre teve muito amor por mim. Hoje penso que, talvez, ela me considerasse como irmão mais novo que não teve.

Na ocasião em que ocorreram esses fatos, Magda estava namorando Roberto Carlos. O romance deles estava muito firme e ela lhe contou que eu havia saído da rádio. Roberto, então, fez uma proposta à Magda: Diz ao Mariano que casa, comida e roupa lavada ele tem. Eu só não posso pagar nenhum salário, mas ele fica em casa comigo.

Nessa ocasião, Roberto já estava se mudando, com a família, da casa na rua Pelotas para um apartamento na Av. Gomes Freire. Ele mesmo

pagaria o aluguel do apartamento, pois o seu disco “Malena” já estava vendendo, mais ou menos bem.

Eu concordei, mesmo sabendo que não receberia pagamento. Eu ia como uma pessoa que acreditava no trabalho de Roberto. Tinha convicção de que “poderíamos progredir juntos”.

Hoje, quando estou sozinho em meu quarto, lembrando os bons e maus momentos que tive, muitas vezes começo a pensar nas razões que teriam levado Roberto a me fazer o convite de morar em sua casa. Na ocasião, julguei que ele tinha feito o convite apenas por causa de eu ser seu fã “confesso”. Hoje, porém, acredito que havia outros motivos, como, por exemplo, o fato de eu estar ligado ao meio radiofônico.

Afinal eu conhecia uma série de clubes de fãs, meninas, discotecários e isso iria facilitar o seu trabalho. Então, talvez por isso ele tenha me levado, ou, então, pela amizade que estava nascendo entre nós, ou, até mesmo, por Magda.

Ele havia mudado há uns três dias. Logo quando cheguei no apartamento conheci D. Laura (mãe de Roberto), que também morava com ele, seu pai, “seu” Robertino, o Gadi, irmão de Roberto (cujo nome é Carlos Alberto), e Nélio, que na verdade se chama Cornélio e se dizia primo de Roberto, mas não era nada dele, apenas Roberto o considerava como tal, por ser seu grande amigo de infância. Além dessas pessoas, sua família era composta de: Norma (Norminha) sua irmã, Lauro Braga, seu irmão e também tenente da Aeronáutica, e sua tia Amélia que emprestava muito dinheiro a ele.

O PRIMEIRO DIA NA CASA DE ROBERTO

Saí da casa de Magda e fui encontrar-me com Roberto na Rádio Carioca, depois tomamos um ônibus e no caminho viemos conversando.

Ele me contou que saiu do bairro de Lins de Vasconcelos (um subúrbio do Rio de Janeiro), porque seu disco estava vendendo razoavelmente e que achava que nós dois poderíamos fazer um bom trabalho juntos, etc. Fizemos mil planos, mil projetos. Então, fui para a sua casa. Chegando lá, D. Laura me tratou como filho e percebi logo que seríamos grandes amigos.

D. Laura a carinhosa mãe do “Rei”, hoje imortalizada em música de Roberto, feita em sua homenagem, me recebeu assim: “Se você gosta do meu filho, é amigo dele, então, é meu filho também... seja bem vindo”. A primeira coisa que notei ao entrar no pequeno apartamento foram duas faixas de cetim bordadas com lamê penduradas na sala. Uma das faixas dizia “Ídolo da Juventude” e na outra “Revelação dos Brotos”. Fiquei muito entusiasmado ao ver aquelas faixas, pensei: “pôxa, se o cara já tem duas faixas, é sinal de que já tem fãs”. Depois fomos almoçar. A primeira refeição, me lembro bem, foi um verdadeiro “banquete” de comida caseira e apetitosa, feita pela D. Laura: polenta frita, quiabo, arroz, feijão preto, e um molho com carne moída.

Logo depois do almoço chegou o irmão mais velho de Roberto, o Gadi (Carlos Alberto) e fui apresentado a ele. Então ficamos os cinco conversando, o “seu” Robertino - pai de Roberto, D. Laura, Roberto, Gadi e eu. Gadi não acreditava muito na carreira de seu irmão e vivia repetindo que “cantor mesmo é Nelson Gonçalves...”. Ele queria que Roberto arranjasse um emprego e tivesse carteira assinada, a segurança do salário fixo todo fim de mês.

Fui então dormir no sofá da sala. Roberto Carlos, Carlos Alberto e Nélio, o “primo” postigo de Roberto, dormiam num quarto, e seu Robertino e D. Laura no outro quarto.

COMEÇA O TRABALHO

No dia seguinte saímos cedo para trabalhar (o Roberto nunca gostou de acordar cedo, mas naquela época a coisa estava difícil e a necessidade obrigava).

seu disco Malena já estava sendo tocado, principalmente na antiga Rádio Mayrinque Veiga, no programa “Peça bis pelo Telefone”, produzido por Jair de Taumaturgo (falecido) e apresentado por Isaac Zeltman (hoje locutor da Rádio Globo). Além disso, o Roberto havia lançado outro 78 rotações com “Suzy” de um lado e “Triste Abandonado” de outro, que começava a fazer um tímido sucesso. Nesse dia, o nosso roteiro incluía em 1º lugar a Rádio Guanabara.

Chegando lá, encontramos José Messias, disc-jockey da rádio e que estava dando uma mãozinha ao Roberto Carlos, cedendo, em dias alternados, 30 minutos de seu programa para tocar as músicas do Roberto, os outros dias era de Wanderléia, que também havia lançado o seu primeiro disco. Uma das coisas que ficaram bem nítidas em minha memória daquele dia foi quando Roberto Carlos me apresentou ao José Messias: Messias, esse aqui é o Mariano, qualquer coisa que você precisar é só falar com ele. Imaginem só o orgulho com que ouvi aquilo.

Da conversa com o Messias ficou combinado que Roberto Carlos e eu iríamos todos os dias na rádio, “trabalhar” suas músicas. Numa dessas idas conheci uma menininha que deveria ter seus 15 ou 16 anos, era cantora e já havia gravado o seu primeiro disco. Fiquei muito impressionado com ela, eu a achava bonita, desinibida. Acabamos fazendo amizade e por várias vezes fui levá-la em casa.

Íamos até a Praça XV e lá pegávamos o ônibus Praça XV - Cordovil (que é o subúrbio de Rio de Janeiro onde ela morava). O nome dessa menina é Wandeléia.

O tempo foi passando e as coisas iam melhorando sempre. Em casa havia algo estranho, uma espécie de segredo que me intrigava. Eu nunca pude entrar no quarto de Roberto enquanto ele se vestia. A porta só era aberta quando ele já estava pronto e arrumado. Em nenhuma circunstância ele tirou a roupa na minha frente, o que seria muito natural, afinal éramos amigos e morávamos na mesma casa. É claro que mais tarde eu pude entrar no seu quarto sem problemas, mas isso só aconteceu anos depois. Eu percebia aquele zelo do pessoal da casa, aquele clima misterioso, aquela necessidade constante de disfarçar sempre que o Roberto estava no banheiro ou no quarto. Mas, apesar da curiosidade, sempre me mantive discreto e nunca o surpreendi em hora imprópria com o seu segredo, que só vim a descobrir tempos depois.

Bem, na época minha função se resumia em acompanhar o Roberto nas rádios e trabalhar os discos dele. Esse disco 78 rotações estava começando a ter boa aceitação e é um marco importante na carreira de Roberto Carlos, porque Susy uma das músicas foi o primeiro trabalho de Roberto e Erasmo como dupla de compositores. Susy era quase toda falada e a letra mais ou menos assim: “pertinho de onde eu moro tem um broto encantador/ e a primeira vez que vi pensei logo em amor/ olhei muito pro brotinho mas de nada adiantou/ é um broto tão difícil não deu bola nem ligou/ mesmo assim continuei insistindo em seu olhar/ na esperança de um dia esse brotinho me amar”. Aí ele começava a cantar: “seu nome é Susy e é um amor/ quero seu carinho e também seu calor, iê, iê, iê.” Um dos programas mais “quentes” da ocasião era o “Peça bis pelo tefone” na rádio Mayrinque Veiga. Então eu ia para casa nesse horário, ou mesmo da rua ligávamos quantas vezes fosse possível para o programa, pedindo Malena, Triste Abandonado ou Susy, caso uma delas tivesse tocado na primeira parte do programa. Era uma loucura, ligar rápido - disfarçar a voz, pedir a música, desligar, ligar de novo com outra voz...

Mas as coisas já estavam melhorando bastante, porque o programa que o José Messias “deu” para o Roberto e para a Wanderléia (que se revezavam em dias alternados), e onde eles apresentavam outros

cantores, falavam alguma coisa e cantavam, estava tendo uma boa receptividade.

ENTRA EM CENA ERASMO CARLOS - O TREMENDÃO

Na verdade o Erasmo não entra em cena, porque já conhecia o Roberto antes de mim. O Erasmo trabalhava com Carlos Imperial, que na minha opinião foi um dos maiores responsáveis pela carreira de sucesso de Roberto Carlos, pois foi o Imperial que orientou a mudança de estilo do Roberto que cantava bossa-nova sem nenhuma expressão. Bem, o Erasmo já cantava e compunha, e eu o vi pela primeira vez quando ele foi até a nossa casa levar uma versão chamada “Splich Splache”, que foi o primeiro grande sucesso deles. Dali em diante aquela seria a grande dupla de compositores bem sucedida do Brasil, pelo menos a que mais tempo ficou junta fazendo sucesso.

Os dois se conheceram no programa que o Carlos Imperial tinha na TV Continental chamado “Os Brotos Comandam”, porque no início o Roberto fazia parte de um conjunto chamado Os Sputniks, no qual atuavam também o Tim Maia e outros. O Erasmo teve um papel muito importante na vida do Roberto e a música Amigo reflete exatamente o que existe entre os dois.

A “FÁBRICA DE VOTOS” E O PRIMEIRO FÃ-CLUBE

Apesar do conhecimento de sucesso as coisas não andavam bem financeiramente. Aquela estória “da lambreta” que aparece a música Susy é pura fantasia, porque na época o dinheiro mal dava para andar de táxi e a única condução que “possuíamos” era um velho Citroen do Gadi, e era com ele (quando Gadi resolvia emprestar) que íamos fazer os circos (essa é outra estória que mais tarde eu conto). Então eu vi que a única maneira, inclusive para eu ganhar a minha tão prometida parte do sucesso, era fazer do Roberto um ídolo - talento eu sempre acreditei que ele tinha, só faltava um empurrãozinho. As rádios viviam cheias de “fanzocas”, moços geralmente de subúrbio, que faziam parte do clima artístico e muitas vezes eram usadas pela máquina promocional de empresários ou gravadoras para “agitar” esse ou aquele artista.

Foi então que conheci algumas delas. Vera Lúcia, Elvira, Clarinha, Pantera e como todas gostavam muito do Roberto, por ele ser extremamente humilde e simpático para elas, foi fácil convencê-las a trabalhar pelo sucesso do futuro rei da juventude brasileira. Eu reuni as meninas e falei: “Olha gente, o Roberto está precisando de uma força. Vocês liguem para Mayrinque Veiga, para o programa do Jair de Taumaturgo e peçam as músicas do Roberto”. Esse trabalho passou a ser feito em grande escala não só para Mayrinque, mas também para a Globo, Guanabara, Tupi, etc. E isso, acredito, começou a puxar uma avalanche de solicitações que, aí, já eram espontâneas - o ídolo estava começando a surgir. O Roberto, é claro, contribuía muito para isso cativando as meninas, distribuindo beijinhos e sempre acessível e sorridente. Enquanto os outros cantores mais famosos acabavam o programa e iam imediatamente embora, ele ainda ficava lá pela rádio, batendo papo às vezes até almoçava junto com o pessoal técnico, criando aquele clima de amizade e simpatia.

Mas nem todos recebiam o jovem e desconhecido Roberto Carlos de braços abertos e, nessa época, um episódio azedo marcou profundamente a minha cabecinha inexperiente. Um dos mais importantes disc-jockeys do Rio era o Luiz de Carvalho, que tinha um programa na rádio Globo que ia das 9 h, ao meio-dia. Eu cheguei á emissora às 7 da matina com o disquinho do Roberto debaixo do braço. Fui então apresentado a um rapaz que se dizia coordenador do programa. Então, expliquei que o disco já estava começando a ser bem tocado e que nós gostaríamos que o Luiz tocasse no programa dele. O rapaz falou que estava bem e que eu esperasse um pouquinho. Entrei no estúdio e esperei quase até meio-dia, e nada. A rádio fervilhava de gente famosa, mil artistas e convidados e eu ali, todo encolhido num canto, esperando. Até que num dos intervalos do programa dirigi-me ao Luiz de Carvalho: Olha seu Luiz, eu sou o Mariano, secretário do Roberto Carlos, eu falei com o rapaz que cuida da seleção musical e ele disse que tocaria o disco do Roberto...

O que ele respondeu foi mais ou menos assim: Que negócio é esse? Um cantorzinho desconhecido e já botando banca com secretário? Olha rapaz, no meu programa eu só toco gente conhecida, só toco sucesso, não tenho tempo para perder com artista desconhecido. Fui embora.

Isso ficou gravado fundo na minha mente, e só me deu mais gana ainda de fazer do Roberto um grande ídolo. Anos mais tarde o Luiz de Carvalho teve seu troco, mas isso é assunto prá depois.

Então, por coincidência, o José Messias lançou em seu programa um concurso para escolher os favoritos da nova geração - e a escolha seria feita pelo maior número de votos recebidos. Não concorriam os monstros sagrados da época: Sérgio Murilo, Caubi Peixoto, Nelson Gonçalves.

Logo no primeiro dia eu fui até a rádio espionar para saber a situação do meu pupilo - o Roberto estava em 7º ou 8º lugar. Saí dali com mil

planos na cabeça e o primeiro deles era montar uma “fábrica de votos”. A providência mais urgente foi reunir as meninas: “Vamos lá pra casa, que o negócio é fazer voto pro Roberto, que ele tá em 8º e precisa ficar em 1º, falei pra elas, que toparam imediatamente. Mandei fazer o carimbo e começamos a produzir votos em grande escala. Todos os dias eu ia na rádio e os meus cupinchas lá, me informaram a quantas a coisa estava. Uma semana depois o Roberto estava com 300 votos abaixo do 1º colocado. Aí, voltei para casa e no dia seguinte cheguei na rádio com 1.200 votos. O resultado foi rápido: Roberto Carlos o mais novo (e mais votado) ídolo da juventude.

Aí inventaram de escolher o rei e a rainha da nova geração. A nossa amiga Wanderléia concorria com a Selmita, Cleide Alves, Rosemary e outras mais.

Então, fui até ela e fizemos um trato: “Olha aqui Wanderléia, você faz votos pro Roberto e nós fazemos pra você.” O negócio era o seguinte: o pessoal dela, a família, os vizinhos e amigos “fabricaram” os votos para ela, aproveitavam e incluíam o nome do Roberto para “rei” e nós fazíamos a mesma coisa com ela para rainha. A gente sempre tentava mudar a letra a cada voto, mas, no fim, já nem ligávamos para isso, o importante era que os votos estavam lá na urna.

Nesse esforço de reportagem eu procurava arregimentar o maior número de “soldados” possível, para nos ajudar naquela “guerra”. Foi assim que conheci a Aninha que morava na zona portuária de Santo Cristo e fez o maior rebuliço por ali, botando todo mundo para fazer votos pro Roberto. Essa menina era líder nata, foi a primeira presidente do fã-clubes organizado do “rei” Roberto Carlos.

Ela morava na Rua da União e lá mesmo, na casa dela, foi instalada a sede do fã-clubes. Essa iniciativa havia partido diretamente dela, que nos procurou para saber se o Roberto poderia ir na inauguração do fã-clubes. É claro que ele iria.

Esse esquema era uma coisa muito séria, pois se o pessoal do fã-clubes estivesse realmente disposto, faria a fama do artista e o Roberto

tinha plena consciência da importância de uma organização daquelas trabalhando para ele, que estava em início de carreira. Então, no dia da inauguração, fomos até a casa de Aninha.

O Roberto levou o violão debaixo do braço e cantou algumas músicas suas para aquela pequena multidão de mocinhas aflitas e deslumbradas por terem diante de si um artista de verdade. Roberto Carlos teve muitos fã-clubes, mas, aquele, da Aninha, o da Rua União, no bairro do Snto Cristo, no Rio de Janeiro, foi o primeiro e mais importante em sua carreira.

A partir daquela noite a atividade do fã-clubes (com sua diretoria eleita ou escolhida, não me lembro) começou a crescer. Elas confeccionaram faixas de cetim decoradas com lamá, onde ia escrito “Nosso Rei” - “Rei da Juventude” e nos programas de auditório, tanto na rádio como na TV, subiam no palco para “enfaixá-lo” e dar o infalível “beijinho”, telefonavam diariamente para as rádios pedindo as músicas do Roberto, escreviam toneladas de cartas votando, pedindo, exigindo Roberto Carlos nos programas - corria o ano de 1962.

SURPRESA E PERIPÉRCIA CIRCENSES

Um belo dia fomos até a rádio e na ida ele parou em frente ao Ministério da Fazenda. Achei aquilo muito estranho, ainda pensei que o negócio era no prédio ao lado, onde ficava a Rádio Mauá, mas não, era no Ministério mesmo que ele ia. Volto já, foi o que me disse e a partir daquele dia é que desvendei um dos “mistérios” da vida do meu pupilo. Roberto Carlos era funcionário público, do Ministério da Agricultura (mais tarde ele foi transferido para a Rádio do Ministério da Educação) onde era escriturário. É claro que ele não cumpria horário, nem batia ponto e essas coisas todas. Sempre na base do jeitinho, Roberto Carlos conseguiu uma licença para que pudesse se dedicar a atividade artística e só ia lá no fim do mês para receber o salário, com exceção de um outro dia que ele dava expediente das 12 às 17 h, fora disso só nos dias de pagamento.

Apesar da fama começando a aparecer, o dinheiro não vinha na mesma proporção e as despesas eram altas. Às vezes, Roberto recebia um pedido de um disc-jockey famoso ou amigo para dar um show de graça aqui ou ali, inauguração de um supermercado, etc., e não dava para dizer não, tudo era promoção e ele precisava disso. Então, muitas vezes quando o show era um subúrbio distante, pegávamos um ônibus (às vezes o dinheiro não dava para o táxi) até a Central do Brasil e daí íamos de trem sacolejando até o bairro do show e de lá da estação pegávamos um táxi até o local - era uma ginástica.

Uma vez aconteceu um incidente que hoje acho engraçado, mas na época quase chorei de ódio. Fomos fazer uma tarde de autógrafos em uma loja de discos na Tijuca no Rio de Janeiro. Chegamos por volta das 16:30 h à loja, situada na Praça Saens Pena. Algumas garotas que estavam sabendo do acontecimento, já se encontravam lá. O Roberto começou a distribuir autógrafos, foi aumentando o número de pessoas e logo uma pequena multidão estava se formando à porta da loja, eram garotas, senhoras, curiosos, querendo se aproximar de Roberto Carlos. De repente, do alto do prédio onde se situava a loja, foi despejado um

balde cheio de “xixi”, que nos deu um verdadeiro banho, pela quantidade jogada sobre o público, devem ter feito uma “vaquinha”. Correria, palavrões, confusão, e assim terminou esta tarde de autógrafos com a nossa retirada, um tanto precipitada, para procurarmos uma maneira de nos livrarmos do “presente” recebido.

Nessa época, começaram a aparecer os primeiros empresários, atraídos pelo começo da fama do jovem ídolo. Só que estes empresários, não eram os homens dos grandes espetáculos, das grandes promoções - eram empresários circenses - e foi assim que Roberto Carlos foi parar no picadeiro de um (de vários) circo. A coisa era de uma simplicidade franciscana: como os circo só faturavam bem nos fins de semana, eles precisavam de alguma atração extra nos dias de “baixa”, mas não podiam justamente por isso, pagar um astro, um super-star. Então, eram duplas caipiras e os cantores jovens que já tinham alguma fama, mas não eram famosos, estavam sempre “duros” e precisavam faturar. O artista ia para o circo em troca de “x” por cento da renda da bilheteria, poderia ser 30%, 40% ou até 50% no caso de ser um pequeno ídolo. E Roberto já era um pequeno ídolo, que atraía um bom público aos circos. Por causa disso, já podíamos nos dar ao luxo de alugar um táxi para ir e voltar, porque o faturamento do circo sempre dava para pagar o táxi e ainda sobrava algum. Mas (sempre tem que haver um mas), um dia o circo pegou fogo, quero dizer, foi justamente o contrário: era um cirquinho tão vagabundo que só tinha lona em volta e o céu como cobertura e nesse dia, ou melhor, nessa noite, São Pedro resolveu bagunçar o coreto de Roberto Carlos e mandou água. Choveu barbaridades, molhou os instrumentos e espantou o público. No fim das contas o dinheiro não deu para pagar o táxi. Imaginem a aflição, nós no fim do mundo, chovendo, lama por todos os lados, cansados, chateados e sem dinheiro para voltar para casa.

Numa outra ocasião, aconteceu um episódio tragicômico, que tenho certeza o Roberto gostaria de apagar definitivamente da sua estória, mas como eu acho que a estória de uma carreira bem sucedida não é feita só de fatos galantes ou heróicos vamos ao caso: era um circo

em Niterói e lá fomos nós atravessar a baía. O staff do Roberto não era composto de engenheiros, técnicos, secretário, segurança como é hoje, mas sim de seu irmão Gadi, Dedé, Luiz Carlos e eu.

Chegamos lá e vimos o circo quase lotado, a platéia vibrando e agitando.

Quando chegou a vez de Roberto se apresentar, descobrimos em pânico que o microfone estava pegando fogo - o sistema de som que já era precário começou a falhar. Como todos sabem, o Roberto nunca teve um possante material vocal e apesar de se esforçar sua voz não era ouvida pela grande maioria do público.

Quando as vaias e os apuros começaram, aí é que se ouvia menos ainda a voz dele. Nessa altura quase apelando, Roberto foi atingido no rosto por um mamão podre. O homem ficou uma fera. Saiu do picadeiro e foi se dirigindo para a saída, escoltado por nós, que já estávamos ligeiramente apavoradíssimos. A massa que havia pago a entrada para o show se achou lograda e partiu para cima do cantor desertor. Mais do que depressa, enfiamos Roberto dentro do táxi e tentamos defender a sua retirada. Mas estávamos inferiorizados numericamente e íamos levar a maior surra de nossas vidas. Fui atirado violentamente numa poça de lama e de lá (sem sapato e já rasgado) vi aparecer um grupo de soldados que caídos do céu impediram que aquela multidão infurecida encerrasse prematuramente uma das mais brilhantes carreiras artísticas que se tem notícia.

Uma ocasião alguém me disse que a paixão e o ódio são faces opostas da mesma moeda, e cada vez que me recordo dos episódios onde o Roberto quase foi trucidado, chego a acreditar na verdade dessa frase. O público ama o seu ídolo, mas não lhe perdoa um único deslize, uma falha pode lhe ser fatal. E foi quase o que aconteceu em Teresópolis, num show que seria realizado em um cinema da cidade. Todos queriam Roberto Carlos e o Roberto queria a todos porque precisava faturar e vender sua imagem (e com os discos, roupas, objetos, etc.). Então em um só dia, ele tinha um programa na televisão no

Rio, e logo depois um show num cinema em Teresópolis (que fica mais ou menos 1.30 h do Rio) e depois outro show em Petrópolis (que fica mais ou menos a 1.00 h de Teresópolis). Se tudo corresse conforme o planejado daria tempo de cumprir os compromissos com a exatidão de um cronógrafo.

Primeiro atraso foi com a televisão, então ainda no ar o Roberto avisou o pessoal de Teresópolis que ele dali a pouco estaria lá e logo depois em Petrópolis (isso aumentou ainda mais a influência e a expectativa do público em relação ao show). Aí o Roberto aproveitou um intervalo do programa e pediu que eu e o empresário fôssemos para Teresópolis “segurar a barra” que logo que acabasse o programa estaria indo. Fomos. Chegando lá no pequeno cinema alvoroço era grande - a lotação dentro do recinto já estava esgotada e fora ainda havia centena de pessoas tentando entrar. Conversamos com o proprietário do cinema, que estava já se impacientando, mas ficou aliviado com a nossa chegada - confirmamos: o Roberto chegaria logo. Demorou mais um pouco e um início de tumulto veio nos tirar o que restava de calma. A pedido do proprietário fui até o palco tentar serenar os ânimos. Naquela altura pensei “pôxa, o programa já acabou faz tempo, o Roberto deve estar estourando por aí”. E foi o que eu disse diante daquela platéia barulhenta e agitada. Fui muito aplaudido e consegui acalmar momentaneamente as “feras”. O tempo passou: 15, 20, 40 minutos, 1 hora e o clima estava insuportável: vaias, início de quebra-quebra, “quero meu dinheiro de volta”, etc. De repente alguém chega esbaforido avisando que estavam nos procurando para linchar-nos, que deveríamos fugir imediatamente pelos fundos. Fiquei, é lógico, apavorado e saímos de mansinho pela parte traseira do prédio. Fomos andando como quem não quer nada, quando ouvimos o grito de “pegaí”. Havíamos sido descobertos e começamos a correr. Nesse momento um carrão branco vem vindo em nossa direção: era o Roberto Carlos. Nem precisamos explicar nada porque ele compreendeu logo a situação. Na verdade era a cabeça dele que o pessoal queria e se ele aparecesse viraria pedacinho, não sobraria nem o corpo astral.

Dali fomos direto para Petrópolis a tempo de ainda fazer o outro show. No caminho muitas gargalhadas após ter escapado do pior e por fim a explicação para o atraso (coisa aliás de que eu desconfiava): “Puxa gente, o negócio foi que apareceu uma menina e eu acabei transando com ela lá no camarim mesmo, aí perdi a hora...”

O SUCESSO O PRIMEIRO CARRÃO E O ACIDENTE

Um dia o Roberto me puxou pelo braço antes de entrarmos em um táxi, na saída da Rádio Guanabara e me disse cheio de certeza: “Olha Mariano, o dia que a gente ficar rico, vamos passar por esse viaduto aí a 120 por hora, numa tremenda caranga”. Era a grande frustração e a grande fixação do Roberto - ter um carro, mas um carro simplesmente não satisfazia seus sonhos, tinha que ser o carro.

Dedé, que mais tarde veio a se tornar baterista fixo do Roberto, na época era apenas amigo e de todos o que tinha melhor condição financeira. Então ele roubava o carro do pai, um enorme Chevrolet 51 ou 52 e passava em casa para nos pegar, e saíamos por aí, sem rumo, aprontando mil e umas ou então com as menininhas que ele sempre arrumava e que fazia a felicidade do Roberto. Aquele negócio de sair de carro fascinava o Roberto, porém, além disso, a consciência do valor do status já existia (muito mais, acredito, do que de grandeza) e ele sempre que surgia uma oportunidade, apresentava o Dedé como “o seu motorista” da mesma maneira que eu, um simples amigo e colaborador, passei a ser o “meu secretário”.

A paixão do Roberto pelos “carrões”, que pouco tempo depois o levou a ter seis “carrões” todos importados fazia com que ele se aproximasse naturalmente dos já possuidores de carrões. E foi assim com dois deles, o Toni - que era dono de um estacionamento, na Duque de Caxias, em São Paulo - e o Walter Baccharini. O Roberto conheceu os dois quando começou a fazer shows e gravar programas em São Paulo e eles se ligaram pela mania de carros. Naquela época a imprensa começava a falar do jovem ídolo e de seus carros que na verdade não eram seus e sim dos personagens acima. O engraçado é que o Walter e o Toti passavam até por motoristas do Roberto sem se aborrecer e muitas vezes tinham seus carros amassados e arranhados pelas garotas desesperadas

em tocar no ídolo, mas eles nem se importavam, porque aquilo era o máximo da curtição e o preço relativamente baixo.

Logo depois do sucesso do Splish Splech o Roberto gravou o LP Parei na Contramão que imediatamente galgou o 1º lugar de vendagem no Rio. Aí começou a aparecer dinheiro. Um belo dia, o Roberto me pega em casa e pede que eu o acompanhe para dar uma opinião em um negócio que ele estava para fazer. Quando chegamos no local e de longe avistei o Dedé, comecei logo a desconfiar do que se tratava. E não deu outra - era uma agência de automóveis e o Roberto nos conduziu até um big Chevrolet 55 branco, conversível, vidros rayban, hidramático, etc., em suma o “carrão” dos seus sonhos. Na verdade ele não precisava da nossa opinião porque mesmo que fosse contrária, de nada adiantaria, pois o negócio já estava fechado. Saímos dali como um bando de meninos com um brinquedo novo: subimos nas calçadas, buzinávamos para todo mundo. O primeiro a ser comunicado foi o Erasmo, que ao ouvir aquela zoeira toda de buzina, gritos e assobios apareceu na janela e até hoje lembro de sua expressão de surpresa e satisfação: “Pôxa cara que carrão! Nossa Senhora!!!”. Minutos depois passamos nós, voando a 120 por hora no tal viaduto jurado pelo Roberto Carlos meses antes.

Aquele carro foi a primeira paixão do Roberto e com ele íamos a todos os lugares (bons tempos de gasolina barata).

Os convites para show e apresentações começaram a se multiplicar e nós viajando daqui para lá, sempre no conversível que, a essa altura, já estava famoso. Um dia fomos fazer um show em São Lourenço e ali encontramos o Roberto de Oliveira, na época secretário do Nelson Gonçalves, que propôs ao Roberto um show em um circo em Paraíba do Sul. Todo mundo dentro do carrão e lá fomos nós (onós era Roberto, Dedé, Roberto de Oliveira e eu). Chegamos ao circo do Chupeta (nome do palhaço e dono do circo) e rapidamente acertamos tudo, o show seria às 20 horas naquela mesma noite. Finalizada a negociação o Roberto de Oliveira lembrou de outro circo, que, talvez, pudesse dar negócio, o dono inclusive era amigo do Chupeta, que, aliás, se propôs a ir junto para

dar uma força. Como era em Três Rios só 70 km dali, o Roberto topou e mais uma vez todos dentro do carrão que devorou os 70 km até Três Rios. Chegamos, fechamos o negócio com a maior facilidade: o show em Paraíba do Sul terminaria às 21 h e o de Três Rios começaria às 22 h. Encerrada a conversa almoçamos todos com o pessoal do circo e voltamos à toda para Paraíba. Como sempre, o Roberto dirigia em alta velocidade. Em uma curva demos de cara com um boi e no sentido contrário um Renault Dauphine se aproximava rapidamente, impedindo uma ultrapassagem. Minutos antes, o Roberto de Oliveira, que estava na frente, ao lado do Roberto, falou alguma coisa que não agradou muito ao “Rei” que parou o carro no acostamento e mandou que trocássemos de lugar, eu para frente e o Roberto de Oliveira para trás. Ai, logo depois, o boi na curva, Dauphine em sentido contrário, golpe de direção, a capotagem, o choque, o sangue e a morte.

Fiquei enfiado debaixo do painel e logo percebi que quase nada havia sofrido.

Saí com dificuldade de dentro do carro totalmente amassado e a primeira coisa que vi foi o Roberto estirado no meio da estrada. Por uma incrível coincidência, motorista do Dauphine era médico e foi justamente ele quem prestou os primeiros socorros ao pessoal. O Roberto estava com um corte profundo no pescoço, hematomas e algumas escoriações no braço. Ao recobrar os sentidos, Roberto só perguntava: “E os meus amigos, e o meu carro?” repetindo a pergunta desconsoladamente.

O médico procurou acalmá-lo dizendo que o carro e os amigos estavam bem, o que não era verdade, o carro estava acabado e o Roberto de Oliveira ao ser cuspidor fora do carro bateu com a cabeça numa rocha pontiaguda, fraturando imediatamente o crânio. O Dedé realmente não sofreu nada, assim como eu e o Chupeta. Logo foram chegando outros carros e a polícia rodoviária. Fomos conduzidos todos para a Santa Casa de Três Rios.

No caminho o Roberto falou baixinho para mim: “Olha Mariano, se o médico tirar a minha roupa para me examinar você não deixa de maneira nenhuma, tá bem?”. Eu procurei tranquilizá-lo, prometendo que não deixaria o médico tirar a poupa dele, e ele insistia: “Você diz que me machuquei da cintura para cima só”.

O corte quase na garganta o impedia de falar e aquilo representava um esforço enorme para ele. Chegamos na Santa Casa de Três Rios. O Roberto de Oliveira ainda entrou com vida na sala de operações, aliás, o seu estado era tão grave que ele nem seguiu conosco no carro da polícia rodoviária, ele foi numa ambulância já sendo preparado para uma operação de emergência. Como não havia condições de operá-lo ali, providenciaram a transferência dele em um helicóptero para o Rio de Janeiro. Voltamos para o hotel e, apesar de tudo, o Roberto ainda foi fazer o show no circo do Chupeta, porque o pessoal havia comprado ingresso antecipado e não deu jeito de desmarcar o espetáculo. Bem que nós tentamos, mas quando começou a correr rumores que não haveria show do Roberto, começou do outro lado a correr rumor que o pessoal iria tocar fogo no circo - o que não fazia a alegria do palhaço que no caso era o dono do circo. Resultado, o Roberto explicou para o público sobre o acidente mas mesmo assim teve que cantar umas duas ou três músicas.

No dia seguinte voltamos para o Rio e a missão era ir às rádios que já anunciavam a morte de Roberto e coisas assim. O Roberto tinha que fazer o programa do José Messias e eu fui até lá para desmarcar aquele compromisso e aproveitar para explicar ao Messias a verdade sobre o acidente. E assim fui de rádio em rádio desmentindo a morte do Roberto Carlos, o que não pude fazer em relação ao Roberto de Oliveira. A sua morte foi duplamente chocante para mim.

Antes do acidente a mulher do Roberto de Oliveira estava conosco no carro; ela e sua filhinha de 4 meses. Como o Roberto vinha correndo muito e disputando com o Dedé quem fazia mais km por minutos (cada um se revezando no volante) ela fez questão de descer numa cidadezinha no meio do caminho, muito nervosa e dizendo que nós

todos éramos loucos, e agora no Hospital Souza Aguiar é ela novamente que eu encontro, descontrolada, possessa e em total desespero: “Assassinos! Assassinos!” era o que a jovem mulher gritava a plenos pulmões me fazendo sentir pior do que já estava.

Ao sepultamento do corpo de Roberto de Oliveira, compareceram o Nelson Gonçalves e o Caubi, de quem ele havia sido também secretário. E foi ali que os três: Roberto Carlos, Caubi e Nelson Gonçalves combinaram de prover o sustento da viúva e de sua filhinha. Todos os meses eu mesmo ia na casa dos outros dois, apanhava o dinheiro e levava em Nova Iguaçu onde ela morava; isso durou pelo menos uns três anos. Depois, pelo que ouvi dizer, ela encontrou alguém que assumiu essa responsabilidade e talvez, também, tenha reencontrado a felicidade que um dia, numa ante-sala de hospital, julgou perdida para sempre. Mas foi com esse triste acidente que começou a famosa estória do calhambeque.

Fomos informados de que se houvesse alguém que poderia dar um jeito no “carrão” esse alguém era o “Luís do Impala” o maior especialista em hidramáticos e que tinha uma oficina na Praça Barão de Drummond. O Luíz ficou com pena do Roberto e emprestou-lhe um calhambeque enquanto ele tentava arrumar o que havia sobrado do “carrão”. Justamente nesse momento chega o Erasmo na casa do Roberto com a letra de Calhambeque pois a música era italiana. O Roberto achou sensacional e gravou imediatamente: “Saí da oficina um pouquinho desolado confesso que estava até um pouco envergonhado, olhando para o lado com a cara de malvado o calhambeque bi bi quero buzinar o calhambeque.” Aquilo foi um enorme sucesso porque era uma diferente - o rei da juventude, o cara de roupas extravagantes, num calhambeque, era um contraste muito bem aproveitado pelo Roberto e pela gravadora em termos de publicidade. E essa época marcou a aliança bem sucedida da dupla de compositores Roberto e Erasmo que acabou se consolidando em uma amizade sincera e verdadeira mas que teve os seus abalos e o principal deles eu conto logo mais.

O TRABALHO DA FORMIGA E A CONFIANÇA

Logo depois do acidente, Roberto ficou tão abalado com a morte do Roberto de Oliveira que passou uns dois meses sem querer trabalhar. Não saía de casa para as rádios, nem para os shows, para nada. Mas a engrenagem que já estava sendo montada não podia parar e eu, mais que nunca, me esforcei para que naquele período de “entre-safra” o nome e as músicas do Roberto continuassem brilhando. De rádio em rádio, sempre agradando, sempre badalando, falando com todos, desde o boy até o diretor e sempre falando em nome de Roberto Carlos, essa era uma parte de meu trabalho para manter viva a chama.

Como muitas rádios baseavam a escolha de sua programação pela vendagem dos discos nas lojas, eu saía pelos maiores magazines do Rio, como Mesbla, Sloper, Tonelux (lembram?) e procurava os compradores da seção de discos e tentava convencê-los a comprar mais os discos do Roberto e a expor melhor e a tocar mais, etc. e tal. Lembrome de uma menina, compradora da Mesbla, a Mariana, que foi muito importante na época. Batendo papo com ela consegui convencê-la a dar uma vitrine inteira só para o LP do Roberto e a tocar sempre que possível alguma faixa do LP. Aquilo foi dinamite. O que a Mesbla vendeu de Roberto Carlos não está escrito, e o que as rádios tocaram o disco por causa desse secesso de vendas, idem, e o mesmo aconteceu com outras grandes lojas. Eu sempre prometia que daria retratos autografados do jovem ídolo, que traria na loja e outras cascatas assim, que só uma vez ou outra cumpria, porque se fosse cumprir todas as promessas ia precisar de pelo menos uns cinco Roberto Carlos para dar conta dos compromissos.

Os outros artistas jovens da época não tinham esse tipo de estrutura e nunca se preocupavam em desenvolver esse tipo de trabalho que é a base de sustentação do todo artista novo que se lança. Então gente que começou com o Roberto como o Ed Wilson, Roberto Reis, Reynaldo Rayol, Cleide Alves, Selmita, etc. alguns até com muito talento, não foram além da moda e morreram com ela.

Nessa época, mesmo sem havermos combinado nada, eu já era considerado secretário de Roberto e tinha uma imensa consciência do meu trabalho e da minha posição em relação ao Roberto, que também tinha total consciência da importância do Mariano no seu esquema de trabalho. Eu já havia voltado a morar na casa dos meus pais e um dia o Roberto me chamou e disse-me que iria precisar de mim também para um trabalho noturno, mas que para isso iria ter que falar com meu pai. Tudo acertado, marcamos um encontro nós três no centro da cidade. Quando o Roberto chegou eu já estava lá com o meu pai e ele depois de nos cumprimentar foi logo falando: “Olha seu Mariano, o seu filho já está trabalhando comigo há algum tempo e agora vou precisar que ele me acompanhe mais à noite e para isso precisaria que o senhor o emancipasse, pois ele é menor de idade...”. Meu pai disse que não haveria problema e dali mesmo fomos ao cartório. Ali, depois de realizada a emancipação, o Roberto falou: “Ele sendo emancipado é automaticamente maior?” “Claro” respondeu o escrevente. Então quero torná-lo meu procurador. Levei dos sustos: o primeiro porque não sabia o que era ser “procurador” e o segundo quando soube. Essa procuração, como vocês podem ver na pág. 45, me dava poderes extraordinários, que só uma confiança absoluta em mim justificaria. Eu poderia representá-lo na Rádio Ministério da Educação e Cultura (onde, nessa época, ele passou a ser programador) poderia receber seus vencimentos, assinar seus cheques, representá-lo em repartições públicas, estadual e federal, assinar recibos e quaisquer documentos oficiais. Eu não tinha a menor noção do valor daquele papel - eu era o Roberto Carlos.

Quando saímos dali, o Roberto foi até a gravadora e eu fiquei com meu pai que estava meio assustado “você sabe o que esse rapaz fez para você?” “Não” respondi. “Ele te deu todos os poderes para você fazer o que for preciso em nome dele”. Essa é a maior prova de confiança que uma pessoa pode dar a outra. Veja bem o que você vai fazer”. Puxa! aquilo estava começando a me assustar, porque o próprio Roberto Carlos, logo depois de me dar a procuração disse: “Você não deve mostrar esse documento para ninguém, nem minha mãe pode

saber disso. Aconteça o que acontecer não deixe ninguém saber que eu te dei essa procuração”.

PRESENTE DE ANIVERSÁRIO E A REVOLUÇÃO

Sucesso chegava galopando, era o ano de 1964, e *É Proibido Fumar* veio confirmar o êxito de *Parei na Contramão*. Eu fazia 18 anos e dava uma festinha em casa só para os amigos - pela 1ª vez o Roberto foi na casa dos meus pais.

Chegaram de táxi na rua tranqüila do Bairro da Saúde, o Roberto, o Luís Carlos e o Nélio. Minha mãe havia preparado uns docinhos e salgadinhos e a coisa toda era bem simples. Meus pais moravam no alto de uma escadaria que tivemos que subir e isso me chamou a atenção porque representou um grande esforço para o Roberto. No dia seguinte ele deveria ir a São Paulo para um show. Eu não conhecia São Paulo e pelo que as pessoas diziam devia ser uma cidade incrível, efervescente, agitada e intimamente desejei muito ir com Roberto Carlos para São Paulo, mas fiquei na minha e não falei nada. Lá pelas tantas, eu chego para o Roberto e digo: “Olha cara, se você quiser ir tudo bem, sei que tem show em São Paulo, não se prenda por mim”. Em seguida ele puxou meu pai para um canto e os dois ficaram cochichando lá. Meu pai veio até mim e disse: “Filho, o Roberto quer te dar um presente”. Eu achei estranho porque não vi nenhum pacote e se fosse dinheiro ele não o faria em público. “O Roberto quer te levar junto para São Paulo.” Ninguém pode imaginar a minha alegria, a felicidade que senti no momento; fiquei até mesmo um pouco atarantado.

Saímos dali e fomos direto para casa do Roberto, onde pegamos as malas. Entramos no carro e saímos rumo a São Paulo, isso por volta das 4 h da madrugada.

Neste trajeto Rio - São Paulo, veio, mais uma vez, abalar-me emocionalmente, mesmo depois de dar a procuração; esta foi, talvez, a maior prova de confiança que ele demonstrou por mim. Disse-me o seguinte: “Sabe Mariano, eu sou difícil de considerar alguém como

amigo, você é meu amigo!” Foi a primeira vez que ele usou o termo “amigo” em relação a mim.

Chegamos às 9 horas da manhã e fomos direto ao hotel, porque tinha muita confusão nas ruas, dois meses antes tinha estourado a revolução e ainda vivíamos sob o impacto dos recentes acontecimentos. Eu não entendia direito o que acontecia e o Roberto raramente conversava sobre política ou sobre aquilo que estava se passando. Nossa preocupação era com a carreira artística do Roberto Carlos e ficamos alienados do resto. Apesar desse distanciamento, alguns estilhaços sempre acabavam nos atingindo, como o fechamento da Rádio Mayrinque Veiga pelas tropas do exército e a prisão de gente do rádio, alguns nossos conhecidos.

SÃO PAULO E A VIDA POR UM FIO

Ficamos hospedados no Hotel Jandaia, na Av. Duque de Caxias. Chegamos e subimos imediatamente para tomarmos banho. O show seria por volta das 13 h na antiga TV Excelsior canal 9, no programa do Ademar Dutra, onde só os bons da música jovem se apresentavam e como o Roberto estava na parada no Rio, isso o credenciava para participar do programa. Deixamos o carro no estacionamento e fomos de táxi até a emissora. Fiquei impressionado com a quantidade de prédios e carros nas ruas. Tudo me fascinava e eu sentia nos olhos do Roberto um brilho de desafio, era como se dissesse “vou conquistar você São Paulo”. Chegamos na TV e logo fomos assediados pelas fãs que queriam autógrafos. E uma coisa nos chamou a atenção: os rapazes também vinham pedir autógrafos. Aquilo era uma agradável surpresa, porque no Rio eles debochavam, tiravam sarro e eram mais hostis. A apresentação foi um sucesso total. Parecia que aquele brilho no olhar do Roberto tinha algo de profético. Na volta para o Rio, o Roberto me confidenciou, confirmando a minha intuição: “Sabe Mariano, eu gostaria de ficar morando aqui em São Paulo. Aqui é que está filé mignon, o Rio é muito bom mas é alcatra. Se estourar um disco em São Paulo, fico conhecido no Brasil inteiro”. Tudo contribuía para reforçar a idéia de Roberto Carlos: o tamanho da cidade, o maior número de casas noturnas e o fato notório de que São Paulo era onde realmente corria dinheiro e todos eram unânimes em afirmar que era de São Paulo que o Roberto conquistaria o país inteiro.

A noite estava bonita, nós vínhamos conversando, mas houve um momento em que o assunto acabou e o silêncio desceu sobre nós. Estávamos descendo a serra, depois de Barra Mansa, o Roberto dirigia normalmente, com velocidade controlada e eu ia começar a falar, quando vi que ao invés de fazer a curva o carro continuava reto. Percebi a aproximação do meio fio que separava a estrada do precipício, desesperado gritei, o Roberto brecou imediatamente, o carro chegou a bater no meio fio. Ele tinha dormido com olhos abertos e se

não fosse meu grito, não estaria contando esta estória e a juventude teria perdido seu “Rei”. Daquele momento em diante não peguei ao volante por não estar habilitado, mas redobrei minha atenção e, apesar de pararmos para um cafezinho, lavar o rosto com água fria e todas as providências, o acidente quase se repete, quando na entrada da Av. Brasil ele, novamente dormindo, por pouco não bate na traseira de um Aero Willys .

VOLTA AO RIO E A MÁQUINA NÃO PÁRA

Com a fama começaram a aparecer os grandes empresários, os gaviões do mundo artístico. Já não eram mais os empresários de circo que procuravam o Roberto Carlos, porque já sabiam que o cachê dele deveria ter aumentado muito com o sucesso dos 2 LPs e esses concursos todos ele vencia, o que lhe dava enorme popularidade. E foi um desses empresários que o levou ao seu primeiro espetáculo fora do eixo Rio - São Paulo. Era em Recife e o Roberto foi sozinho de avião e eu só fui levá-lo até o aeroporto - achava aquele negócio de andar de avião fascinante e torcia para chegar a minha vez.

Eu fiquei porque havia muito trabalho aqui, a divulgação nas rádios, as promoções, a imprensa e os concursos. O do José Messias já não tinha mais graça porque eram favas contadas, ou seja, só dava Roberto Carlos. Aí surgiu a Célia Mara da Rádio Mauá com um concurso onde ela coroa o novo ídolo da juventude no Teatro Recreio, no Rio. Reuni as meninas e trabalhamos duro para vencer o concurso. Na noite da coroação tínhamos que aproveitar o máximo aquela oportunidade promocional para badalar a imagem do novo ídolo da juventude. A primeira coisa que fiz foi arranjar o maior número de ingressos possível para as primeiras filas - ali estaria só o nosso pessoal: as meninas dos fã-clubes que só aplaudiam o Roberto Carlos e além disso faziam toda aquela encenação de subir no palco, beijar, agarrar, desmaiar, etc. Esses macetes foram criados por mim é claro, a grande parte de tudo isso aprendi com Barros, homem que cuidava da vida artística do Caubi.

MANIAS, GENTE, AMULETOS

Roberto sempre foi supersticioso. O problema é que cantor novo, desconhecido e pobre não tem muita chance de cumprir à risca as suas superstições. Mas com a fama e o dinheiro chegando, além de ficar mais fácil, era até chique a matéria para a imprensa se esbaldar. Então essas manias, excentricidades e superstições são até estimuladas como sendo coisa própria de artista.

Uma das superstições do Roberto Carlos era entrar e sair pela mesma porta. É claro que no tempo das vacas magras isso não podia ser levado muito a ferro e fogo, como aquela vez lá no circo que tivemos que bater em retirada, ali o Roberto sairia até pelo teto se fosse o caso. Outra superstição era com as roupas dele: não usava marron, nem roxo: não emprestava roupa e raramente dava roupa para alguém (principalmente roupa se show) e quando dava, mandava lavar antes de entregar - eu talvez seja uma das poucas pessoas que tem roupas dele. Não falava a palavra azar, era sempre falta de sorte e se por descuido falasse azar cuspiam no chão três vezes onde quer que estivesse.

medalhão famoso sempre balançando no peito, presente de uma freira do Colégio Cristo Rei, em Cachoeiro do Itapemirim, é o seu amuleto de sorte preferido do qual dificilmente se separa.

E nessas de manias e superstições entram até algumas pessoas que ele considerava como pés - quentes e que fazia questão de manter junto de si. Um exemplo disso foi Helena dos Santos. Um dia apareceu na Rádio Guanabara uma senhora escura, que dizia ser viúva e que tinha uma música para mostrar para ele. O nome da música era "Na lua não há" que ele gostou e gravou no LP conhecido como Parei na Contramão: "Eu vou perguntar se na lua não há um broto legal para mim namorar..." A música não fez muito sucesso mas o LP estourou, então ele achou que a Helena trazia sorte para ele. Botou isso na cabeça e pronto. Todo disco que fazia tinha que ter uma música dela. Mesmo que ela

não tivesse terminado a música ele terminava e dava os direitos totais para ela que morava lá na favela da Rocinha no Rio. Isso aconteceu com outros compositores também, mas a Helena era o xodó dele. Nós, varias vezes, fomos até a casa dela e o Roberto a ajudava bastante, até o ponto de contribuir para que ela comprasse seu apartamento. Isso durou até que Roberto Carlos resolveu não gravar mais músicas de outros compositores, abrindo raras exceções (como foi o caso de Isolda e Milton Carlos).

Nessa ocasião surgiu outra figura incrível a começar pelo nome ou apelido: Pilombeta. Baixinho, gordinho, preto, sempre de terno e sorridente, a figura espalhafatosa do Pilombeta chamava logo a atenção onde quer que estivesse.

Ao que parece ele era sargento reformado da Marinha e o nosso encontro foi na CBS, ele chegou para Roberto e falou: “Ô Rei, que prazer em conhecê-lo.” Foi o primeiro a chamá-lo de “rei” assim em público. Aliás chamava o Roberto de xerife, era um sarro o Pilombeta. Ele passou a ser uma presença constante no nosso círculo de relacionamento. Tanto insistiu que conseguiu que o “rei” gravasse uma música dele. O homem endoidou de vez lá nas rádios com o disco debaixo do braço e fazia a maior força para que o pessoal trocasse a música. Depois passou a freqüentar a casa do Roberto, ia lá para jantar e D. Laura recebia não só a ele, como a todos com o maior carinho.

Mas de tudo que me lembro do Pilombeta um episódio marcou mais que os outros. Com aquele seu jeito especial ele conseguiu convencer o Roberto a dar um show num circo, onde o pessoal era seu amigo. Lá fomos nós. Quando chegamos, o Pilombeta estava na entrada fazendo o maior discurso para a massa: “Não percam, hoje o grande show do Rei da Juventude Roberto Carlos, o homem está rico, não precisa mais de ninguém, venham assistir”. Aí o Roberto ficou chateado com aquilo e pediu que o Luiz Carlos fosse lá fazer com que ele parasse com aquilo. Chegando perto dele o Luiz falou: “Olha aí Pilombeta, não é nada disso, não fala essas coisas de rico e de não precisar mais de ninguém que pega mal e tal coisa. Ele falou “tudo bem, deixa comigo”. Subiu

de novo no caixote e recomeçou o discurso: “Venham ver o show do Rei da Juventude que o homem está pobre, está precisando de dinheiro, venham assistir...” MULHERES, MULHERES & MULHERES Desde o começo, percebi a atração irresistível que as mulheres exerciam sobre Roberto Carlos. Chamá-lo de mulherengo seria modéstia, porque ele só não era mais terrível porque a sua timidez e o fato de ser um ilustre desconhecido o impediam. Apesar de ainda estar namorando a Magda, o Roberto começou a transar com uma moça chamada Célia, que era secretária do Luíz de Carvalho (o tal que disse que só tocava cantor de nome). Essa Célia também não era flor que se cheirasse e, além do Roberto, tinha um “coronel” que contribuía por fora para que o salário dela fosse bem mais alto. Ela morava numa rua próxima a Colúmbia, na época gravadora de Roberto Carlos.

Uma bela tarde, havíamos ido na gravadora e ao sairmos avistamos a Célia e o tal “coronel” que iam na frente. O Roberto entrou rapidamente no carro e saiu atrás deles. Logo adiante, parou ao lado dos dois e saltou do carro impedindo que fugissem. Roberto Carlos segurou sozinho os dois e os meteu dentro do carro. Ele e eu íamos no banco da frente e a Célia, o Milton (esse é o nome da figura) e o Dedé atrás. “Onde é que tem uma rua deserta pra gente conversar?” Roberto perguntou. Informei um local na Avenida Venezuela, beira do cais, que geralmente é deserto. Então fomos para lá. No caminho ninguém falava nada no carro. Ao chegar lá, o Roberto escolheu o lugar mais discreto que pôde encontrar, parou o carro e desceu com a Célia e o Milton. Teve início a discussão e imediatamente o Roberto começou a bater no tal “coronel”. Aí nós descemos e ajudamos a bater no sujeito e foi a maior confusão. Mas o que nós não sabíamos é que ali ao lado tinha uma delegacia de polícia e então apareceram os policiais e todos fomos detidos.

Na delegacia, o delegado começou o discurso dirigindo-se ao Roberto: “Você me parece um rapaz de boa condição financeira, boa apresentação (isso tudo por causa do carro, ele nem sabia que era o Roberto Carlos). Porque vocês estavam brigando com esse senhor e essa moça?” O Milton tentou falar alguma coisa, mas o delegado o

mandou calar a boca. O Roberto falou: “Essa moça é minha namorada e tá transando com esse sujeito aí”. Mas você vai ligar para uma piranha dessas? Um rapaz de futuro como você, se envolvendo com uma mulher dessa espécie... arriscando a ser processado e tudo mais. Quero ver os documentos de todo mundo.” Aí foi que ele viu qual era a verdadeira identidade daquele “rapaz de futuro”. Tá vendo, você, um artista famoso, se envolvendo com prostituta, não entra na dessa mulher não. Vá embora com seus amigos.

Sáímos de lá e o Roberto quis esperar numa rua próxima. Minutos depois, sai a Célia sozinha e o Roberto vai até ela e a chama para dar uma volta eu e o Dedé fomos embora e eles foram passear sozinhos, provavelmente em em hotel - o Roberto Carlos era assim insaciável, emotivo, temperamental. A música “Os sete cabeludos” foi justamente inspirada neste episódio (é a história de um cara que viu a menina dele com outro sujeito). só que não foram sete cabeludos, mas só três.

Apesar disso, o romance entre o Roberto Carlos e a Magda ainda estava firme e tudo se encaminhava para o casamento - os dois realmente se gostavam. Nesse ínterim a Magda teve que viajar para os Estados Unidos, para tratar de interesses de seu pai naquele país. O Roberto ficou muito triste, na “fossa” (como se dizia na época). Ele então compôs “Eu queria pedir para você ficar” e ficou algum tempo em contato com ela, telefonava, mandava fita gravada, era realmente uma paixão.

Mas os compromissos se avolumavam e o tempo ia ficando cada vez mais curto para fossas e essas coisas.

Os empresários de “terno e gravata” começaram a substituir os empresários pé-de-chinelo dos circos. E foi justamente um desses de terno e gravata - o Lopes, que levou o Roberto para um show em Belo Horizonte, mais precisamente, para programa do Moacir Franco. Fiquei radiante de alegria quando o Roberto me chamou para ir. Eu e o Lopes fomos de ônibus e o Roberto de avião. Chegando em Belô, fomos direto

para o aeroporto, onde ele deveria chegar logo e dali iríamos para o hotel. No hotel, ficamos conhecendo o cigano, um empresário local.

Esse cigano estava acompanhado de uma moça, muito interessante por sinal, chamada Lúcia. Os olhos do meu pupilo brilharam, a baba escorreu do canto da boca e de repente lá estava o Roberto saindo com ela. Esse “caso” teria ramificações interestaduais, pois eles voltaram a se encontrar no Rio e em São Paulo, até que um belo dia, com o Roberto morando já em São Paulo, me aparece Lúcia com um bebê nos braços dizendo para ele - o filho é teu. Se realmente era ou não era, nem eu nem o Roberto temos absoluta certeza.

Apesar do Roberto não registrar a criança em seu nome, durante quase quatro anos eu levei mensalmente uma quantia em dinheiro para a Lúcia. Essa situação inclusive provocou acidentes desagradáveis, porque a Lúcia não se apertava, quando estava precisando de algum ia bater lá na porta de casa. Isso aconteceu algumas vezes, mesmo depois do casamento com a Nice. No início o Roberto ainda tentava esconder tudo da Nice (ela sempre foi extremamente possessiva, ciumenta e estouradinha) e quando a Lúcia chegava ele fazia os maiores malabarismos para que as duas não se encontrassem. Depois, cansado de tanta ginástica, acabou contando tudo (a maneira dele, é claro) a Nice. Aí a coisa piorou de vez. Um dia a Lúcia apareceu e ele a recebeu e a despachou logo (a Nice ficou no quarto). Quando ele voltou para o quarto, o tempo fechou: nós só ouvimos a voz da Nice berrando e esbravejando. Bem mas essa estória é para mais tarde quando A D. Cleonice Rossi entrar em cena. Voltando a Belo Horizonte o show teve enorme sucesso e o Roberto conquistou o público mineiro.

A volta seria de avião, isso significava que realizaria outro grande sonho meu, viajar de avião. Entramos no avião e eu me maravilhando com tudo. Aquele negócio de “senhores passageiros apertem o cinto, etc.”. O avião levantou vôo e logo estava aterrizando novamente. Eu percebi a apreensão dos passageiros, olhei para a pista o carro de bombeiros vindo a toda velocidade na nossa direção, seguido de uma ambulância, eu não estava entendendo nada. Aí foi

que Roberto me falou: “Poxa Mariano, você é pé frio mesmo. Deu pane no motor e tivemos que voltar”. Parece que meus sonhos estavam sempre sofrendo de pane no motor.

SÃO PAULO TRANSFERÊNCIAS

Nesse período aconteceram duas transferências na vida do Roberto Carlos e uma delas seria fundamental para o nosso relacionamento e para sua carreira.

A primeira transferência foi da Secretaria da Agricultura para a Rádio do MEC. Aí a coisa ficou feia porque queriam que ele cumprisse horário. Então, fomos lá tentar dar um jeitinho com o chefe (que no caso era a chefe). Ela aconselhou a fazer uma carta pedindo licença não - remunerada por prazo indeterminado e foi o que ele fez. Mas até isso sair, eu cheguei a trabalhar no lugar dele na Rádio do MEC onde era o programador, mas na verdade muitas vezes quem ia lá fazer a “Seleção Roberto Carlos” era eu porque o tempo dele já estava ficando escasso.

A segunda transferência representou uma guinada violenta para a carreira de Roberto Carlos. O Calhambeque “estourou” e a gravadora (CBS) começou a pensar com muito mais seriedade nas possibilidades daquele jovem ídolo.

Então, a chefe de divulgação da gravadora em São Paulo, Edy, convenceu a direção e depois ao Roberto (o que foi fácil pois era isso mesmo que ele queria) a ir se fixar em São Paulo, onde poderia desenvolver melhor o trabalho dela para a divulgação dele. A Edy era uma verdadeira “fabricante de ídolos”, uma mulher muito dinâmica e muito bem relacionada com toda a imprensa.

Roberto foi para São Paulo e eu fiquei no Rio. Não houve muitas conversas nem explicações. Eu continuaria fazendo o meu trabalho de promoção aqui e cuidando da minha vida. Pela primeira vez depois de tanto tempo, tive a minha primeira preocupação em relação ao futuro sem Roberto Carlos. Mas eu não sabia fazer nada na vida, nem conseguia pensar em nada que não fosse Roberto Carlos. Ainda hoje, não sei porque resolvi fazer um curso de enfermagem e aceitar o

convite de uma amiga, dona de uma clínica, para trabalhar lá como auxiliar de enfermagem.

Mas era difícil me desligar de tudo aquilo que eu havia ajudado a criar. O ambiente em minha casa me sufocava um pouco então fui procurar minha santa protetora, D. Laura - mãe de Roberto Carlos. Conversamos muito e ela me ofereceu um apartamento que tinha na Praia do Flamengo e que estava vago. Eu fui morar no Flamengo e continuava ligado ao Roberto, sabendo que ele estava fazendo em São Paulo e ainda indo em algumas rádios. Nesse período o chamado "marketing" do ídolo e foram lançadas roupas calhambeques e o dinheiro grosso começou a aparecer para ele. O sucesso já era então realidade em sua carreira, e surge o convite para apresentar p programa "Jovem Guarda", que dava um tremendo IBOPE e só projetou mais ainda o nome de Roberto pelo Brasil. Ficamos quase um ano separados e foi um período de grandes transformações na vida do "Rei".

O SÉQUITO DO “REI”

Com o sucesso vem os compromissos e os comprometimentos, vem a necessidade de manter a “roda viva” girando sem parar, vem o dinheiro em profusão e com ele, atraídos como se fossem moscas no açúcar, uma legião de “colaboradores”. O Gadi, irmão de Roberto, que não fazia fé na sua carreira (lembra-se, ele dizia que: “cantor era o Nelson Gonçalves”) começou a se interessar pelo meio artístico; o Sérgio Castilho, cunhado do Roberto, casado com a Norma irmã de Roberto, foi nomeado seu secretário; surgiu o Geraldo Alves contratado como empresário e o Tuca seu secretário; tinha a incansável Edy e o pessoal do conjunto RC3. Esse pessoal todo eu passei a conhecer quando o “Rei” veio gravar um LP no Rio escoltado por todo o seu séquito.

Nesse dia eu percebi que realmente muita coisa havia mudado. O sucesso, a fama, o reconhecimento público do talento de Roberto Carlos, coisas pela qual eu tanto sonhei e lutei, haviam chegado e com elas também a distância entre ele e o resto do mundo.

Estava ficando difícil até para eu chegar até ele. Havia um esquema de segurança cercando, isolando o Roberto, aí eu pensei “pôxa, esse aí não é o cara que eu conheci”.

Então fui até a D. Laura chorar as mágoas com ela “até para mim está difícil aproximar-se dele. Esse pessoal de São Paulo chega até me esnobar”. Aquilo que a gente via nos filmes americanos, a estória do artista humilde que chega ao estrelato e que se isola dos antigos amigos e que é forçado a modificar seu comportamento para ser o ídolo, era isso mesmo que estava acontecendo.

Aquela brincadeira do Pilombeta de chamar o Roberto de “Rei”, parece que foi uma profecia, ele era quase um rei de verdade: tinha milhares de súditos fiéis espalhados pelo país inteiro, mas que não podiam se aproximar dele, tinha seus ministros, sua guarda pessoal, seu

castelo, etc. Roberto Carlos, aquele rapazinho que gostava de cantar e tocar violão, que queria chegar apenas a ser tão famoso como Nelson Gonçalves, era agora uma engrenagem importante de uma máquina que desconhecíamos totalmente.

NICHOLLAS MARIANO - O MORDOMO DO “REI”

D. Laura então me disse que na semana seguinte seria inaugurado o novo apartamento do Roberto em São Paulo e que gostaria que eu fosse com ela.

“Vou sim, estou com saudades do Roberto” respondi muito feliz por ter uma chance de ficar mais perto dele mais uma vez. A semana passou rápido e de repente estávamos num táxi em direção a Albuquerque Lins em São Paulo, onde seria inaugurado o nov castelo do “Rei”.

Desde a portaria já havia o clima de confusão: gente por todos os lados, fotógrafos, mocinhas aflitas, personalidades do meio artístico, etc. Quando entramos no apartamento nos deparamos com um ambiente bem diferente daquele que conhecíamos.

D. Laura e eu ficamos num canto e logo o Roberto veio falar conosco. Foi então que nos apresentou Cleonice Rossi, a Nice. Aquilo para mim foi um choque.

Parece que todos aqueles anos de convivência me deram uma espécie de sexto sentido em relação a ele, e eu conhecia quando a coisa era um simples caso e quando era sério. O fato do Roberto ainda estar ligado a Magda (eles ainda se telefonavam, trocavam fitas gravadas, etc.) para mim era uma traição, e o pior é que não fui com a cara da Nice, aliás não fomos, porque D. Laura também não foi. D. Laura me chamou até na cozinha para conversarmos e a partir daquele momento passamos a ser aliados contra a Nice.

A festa estava chegando ao fim. O Roberto veio até onde eu estava e começou a conversar comigo: “Sabe Mariano, você é uma das poucas pessoas que eu confio. Eu estou precisando trazer um mordomo aqui para São Paulo e eu acho que você poderia exercer essa função, porque esse negócio de mordomo é só promocional, você só vai

trabalhar quando vier uma visita, reportagem, essas coisas assim, e ele fez questão de acrescentar “fora disso a nossa amizade é a mesma, a liberdade é total, depois de mim o dono da casa é você, topa?” “Topo”.

Nunca transamos salário e outros detalhes, houve aquela conversa e pronto. Aliás, aquilo para mim não era novidade, mesmo na época do trabalho de formiga no Rio, nós nunca conversamos sobre salário; ele disse uma vez: “Olhe companheiro, o dia que eu estourar, ficar rico, você fica também”.

Voltei para o Rio e procurei por todos os meios me informar sobre a minha nova função. Aí caiu nas minhas mãos o milagroso livrinho de boas maneiras do imortal mestre Marcelino de Carvalho. Devorei, decorei cada palavra daquele livro. Como receber, como servir, o ritual do vinho, os cumprimentos, os cuidados à mesa, os deveres do anfitrião, enfim tudo o que se poderia esperar de um mordomo de classe eu aprendi ali.

Antes de eu voltar para o Rio, o Roberto telefonou para o alfaiate dele em São Paulo - o Casarine e pediu que viesse até o apartamento tirar as minhas medidas. Meu primeiro uniforme de trabalho foi um blaser vermelho, uma camisa branca - cheia de babados, uma gravata bordeaux, calça preta brilhante e sapato preto social. “Só que esse nome Mariano não dá. Temos que arranjar alguma coisa melhor”. Aí, eu lembrei do nome de um filho de Brigitte Bardot - o Nicholle. “Nichollas!” sugeri. “Nichollas Mariano! Aprovado”. Então passei aquela semana no Rio, estudando boas maneiras e resolvendo meus problemas particulares.

Quando desembarquei em São Paulo, o Eurico estava me esperando com aquele cadillac presidencial que ficou famoso. O Eurico era o chofer do Roberto, um crioulo boa pinta e educado parecido com o Sidney Poitier e logo ficamos amigos. Ao chegar no apartamento tive uma surpresa, havia alguns repórteres e fotógrafos. Então começou a chuva de perguntas em cima de mim. Fiquei um pouco confuso, pois não

estava preparado para aquilo. Afinal? eu não podia dizer que toda a minha experiência se resumia na leitura do livro do Prof.

Marcelino de Carvalho. Então me ocorreu um negócio na hora e eu chutei que havia feito um curso de especialização na Maison de France que foi o lugar mais sofisticado que pude arranjar. Eu sabia que a Maison era a representação da França no Brasil e que dava cursos de francês, mas disse que havia também um departamento especializado, etc. e tal.

BADALAÇÕES E AFLIÇÕES DE UM MORDOMO REAL

Logo no primeiro mês como mordomo, fui convidado pela Hebe Camargo para ser entrevistado em seu programa. Fui falar com o Roberto mas ele já sabia e estava de acordo. Mas fazia uma exigência: queria ver antes as perguntas que me seriam feitas e ensaiar comigo as respostas que eu daria. A entrevista se passou mais ou menos assim: HEBE: Nichollas é difícil ser mordomo? NICHOLLAS: Mordomo é uma posição tradicional, que passa de pai para filho.

HEBE: E você é descendente de mordomo? NICHOLLAS: Não eu fiz um curso especializado.

HEBE: O que faz, quais são as atribuições de um mordomo? NICHOLLAS: Minha senhora, poucas pessoas sabem que a função de mordomo se constitui num cargo de absoluta confiança, pois ele faz, às vezes, do dono da casa, administra as finanças da casa, e está a par inclusive dos assuntos particulares do patrão, em suma, é uma posição de absoluta confiança. HEBE: Você veio para a companhia do Roberto Carlos através de uma agência ou você foi indicado por algum amigo? NICHOLLAS: Não senhora. Eu já conhecia o Sr. Roberto Carlos de nome e tinha grande admiração por ele. Como eu havia me destacado no curso de mordomo na Maison de France, e sabia que o Sr. Roberto Carlos estava procurando um mordomo, fui procurar a senhora sua mãe - D. Laura que me levou até ele.

HEBE: Bem Nichollas, vamos agora saber alguma coisa sobre o seu patrão. A que horas o Roberto Carlos costuma ir dormir e a que horas ele acorda? NICHOLLAS: Ele sempre vai deitar muito tarde, porque costuma compor à noite, ou então fica conversando comigo ou com amigos... Mas ele sempre acorda por volta de 9h e 9:30h, porque tem que gravar um programa na Record. E eu sempre o acordo com música...

HEBE: Música dele? NICHOLLAS: Não, de jeito nenhum, ele fica irritado quando colocamos músicas dele. Geralmente são discos clássicos ou do Tio Madi e Dick Farney. HEBE: Dizem que o nosso Roberto Carlos é muito supersticioso. Ele tem alguma superstição antes de dormir? NICHOLLAS: Além de superstições ele é muito religioso. Ele nunca dorme sem antes rezar e só deita com seu pijama de bolinhas vermelhas. (gargalhadas no auditório).

HEBE: E quanto aos telefonemas. Vocês recebem muitos telefonemas por dia? NICHOLLAS: Sim. Recebemos muitos telefonemas, mas não podemos atender a todos. Para as pessoas conhecidas temos uma espécie de senha. O Roberto atende poucos telefonemas.

HEBE: E quantos empregados no apartamento do Roberto Carlos? NICHOLLAS: Quatro. Uma cozinheira, uma arrumadeira, o motorista e eu.

HEBE: E qual o cardápio preferido pelo Rei da Juventude? NICHOLLAS: Atualmente ele está de regime de emagrecimento. Ele está muito preocupado em manter a forma. Por isso ele está comendo pão de centeio, usa adoçante artificial no seu suco de laranja. Seu almoço é feito geralmente com arroz integral, feijão coado, legumes e verduras em geral. Mas ele gosta mesmo é de strogonoff, pelo menos uma vez por semana. HEBE: Quem é que o Roberto recebe em sua casa com mais frequência? NICHOLLAS: Seus familiares, pessoas ligadas ao meio artístico, gente da imprensa.

Quando eu voltei para casa, o Roberto me deu uma bronca porque eu disse que ele dormia de pijama de bolinhas vermelhas, mas logo esqueceu e voltou a ficar de bom humor.

Bem, a equipe doméstica encabeçada por mim, era composta também de Sebastiana que cuidava da cozinha, a Natalina que era a arrumadeira do Hotel Jandaia, onde o Roberto ficou morando algum tempo e do Eurico - motorista impecável. Eu os tratava sem distinção, éramos iguais e o próprio Roberto tratava a todos assim, sem arrogância, sem autoritarismo; apesar disso, havia restrições, o

quarto do Roberto, por exemplo, era tabu, só eu podia entrar lá, nenhum dos outros tinha essa liberdade.

Logo nos primeiros dias, comuniquei ao Roberto que precisava fazer compras.

Disse-lhe que iria até o supermercado e pediria para trazerem as compras. Ele achou que seria melhor que eu fosse com Eurico de carro e trouxesse eu mesmo as compras. Fiquei um pouco apreensivo, porque afinal aquele carro era um escândalo, era muito “manjado”. Para vocês terem uma idéia, o Cadillac tinha uns 8 metros de comprimento, vidros a prova de bala. Atrás do banco do motorista dividido por um vidro (também a prova de bala) vinha o lugar dos “agentes de segurança” e depois numa terceira divisão separada também por um vidro vinha o lugar do personagem principal.

Bem, chegamos, o Eurico desceu, abriu a porta para mim e eu tentei entrar no supermercado. De repente alguém gritou: “Ei gente, olha o mordomo do Roberto Carlos” Aí foi aquele corre-corre, me levaram até a gerência e tivemos que armar um esquema especial para eu sair.

A partir daí minha vida começou a se modificar. Eu estava sentindo no canto dos lábios o gostinho doce-amargo da fama. Quando ia ao cinema, quase sempre a bilheteira me reconhecia e não deixava que eu pagasse o ingresso. Se acontecia de eu ir a boate, logo todos os olhares convergiam para a minha mesa, sempre tinha alguém que se aproximava para pedir autógrafo ou conversar (querer saber da vida do Roberto) e na hora de pagar a conta, não deixava que eu pagasse.

A imprensa era a grande responsável por tudo isso. E pior que era tudo bolado e usado para fins promocionais, para reforçar a imagem do ídolo, que agora já começava o seu caminho de mito.

Nessa ocasião, um repórter da revista Intervalo da Editora Abril, o Ciro foi lá em casa fazer uma matéria sobre mim. Daí ele bolou uma briga entre o Erasmo e eu. A matéria saiu mais ou menos assim: o Erasmo achava que eu estava muito esnobe, muito metido a besta e que ia

acabar chutando a minha bandeja com mordomo e tudo. O Roberto concordou com a reportagem: “Vamos fazer uma onda para ver no que vai dar”. Em resposta saiu uma matéria dizendo que se o Erasmo se atrevesse eu daria um tiro num lugar que ele iria ficar sem poder sentar. Isso teve uma repercussão que eu nunca poderia ter imaginado. Se eu saísse nas ruas as pessoas me cercavam e faziam perguntas sobre a briga, se ele (o Erasmo) havia me batido, se eu andava armado, etc. Nós três (o Roberto, o Erasmo e eu) nos divertíamos bastante com tudo isso, mas o público levava a sério mesmo. Uma vez, havia um programa na TV Record e eu estava chegando quando fui cercado por um bando de garotas aflitas: “Nichollas, você não pode entrar, porque o Erasmo está aí, vai dar confusão”. Eu consciente do meu papel de ator respondia: “Não tem problema, se o Sr. Erasmo vier falar comigo ou o tratarei com toda a educação, mas se ele me agredir terei que revidar à altura.

Eu não vou admitir que ele fique falando essas bobagens por aí. E na casa do meu patrão ele não põe aquelas botas em cima da mesa que eu não permito”. O Erasmo, além de ser grandalhão, tinha um secretário, um crioulo trançado de quase três metros de altura chamado “Negativo”. E as meninas diziam: “Pôxa Nichollas, além do Erasmo ser bem mais forte que você, o “Negativo” está com ele. E eu senhor de mim - “não tem problema, não, eu aprendi capoeira para defender meu patrão”.

Uma vez fui acordado às 7h da madrugada, pela Sebastiana. A coitada estava aflita porque o gás havia acabado e o Roberto chegaria na hora do almoço de viagem (geralmente ele chegava acompanhado de um batalhão). Eu acalmei a Sebastiana e lhe pedi que avisasse o Marcos para preparar o carro. Pusemos o bujão vazio dentro do Cadillac e fomos até a Companhia de Gás. Quando o guarda da Companhia viu aquele carrão chegar, foi logo abrindo o portão: Eu sou Nichollas, mordomo do Roberto Carlos. Viemos... Ele nem deixou eu acabar de falar, mandou a gente entrar e correu para o telefone da portaria.

Fomos em frente e paramos diante dos escritórios. A esta altura todo mundo já sabia que o mordomo do Roberto Carlos estava lá... e o expediente foi interrompido. Fomos levados aos trancos e barrancos até a diretoria e, ao chegar lá, eu já tinha uns duzentos bilhetes com pedidos de LP, compactos e autógrafos. Um dos diretores nos recebeu, mandou servir cafezinho e muito solícito quis saber qual era o nosso problema. “O negócio é que acabou o nosso gás, o Roberto vai chegar de viagem, etc...” Daí ele falou: “ A partir de hoje vocês tem cinco bujões e não precisam pagar nada”.

OS ESPINHOS DA FAMA

A televisão, os discos, as revistas e jornais se encarregavam de tornar cada vez mais conhecida a imagem do mais novo ídolo absoluto da juventude brasileira.

O mito estava criado. Então Roberto Carlos perdeu o direito de ser um qualquer.

Não podia sair na rua como qualquer pessoa. Não podia circular pelos lugares que gostava sem que um tumulto se criasse. Aí foi criado todo um esquema para burlar a vigilância e assédio das fãs curiosas.

Roberto adorava ir ao cinema principalmente os filmes de bang-bang, que eram os seus preferidos. Parte do problema foi resolvido com a ajuda de amigos que providenciavam sessões especiais só para nós, em estúdios particulares.

Muitas vezes assistíamos a filmes que ainda não estavam nos circuitos, ou filmes proibidos pela censura e sem corte. Mas, em outras ocasiões, o Roberto cismava de ir ver um filme no cinema comum. Aí eu tinha que ir na frente, conversar com o gerente. Explicava a situação e pedia para ele reservar todo o balcão em cima para nós. O Roberto chegava geralmente de óculos escuros (os disfarces ele começou a usar logo depois) e entrávamos pela saída e íamos direto para o balcão superior. Mas o anonimato de um “rei” é muito difícil.

Bastava um comentário e todo mundo ficava sabendo. Entrar era fácil, mas quando chegava na hora da saída a porta do cinema já estava intransitável. A solução era chamar a polícia e ir embora de camburão. Algumas vezes, ainda tentamos o artifício de sair antes da sessão terminar, também porque não queria que soubessem do seu namoro com a Nice, temendo que isso abalasse o seu prestígio com as fãs.

Um dia fui atender a campainha e me deparei com um sujeito estranho, barbudo e de óculos escuros. Hesitei um pouco porque, para que a pessoa subisse, era preciso que passasse primeiro pela verificação do porteiro. Olhei para a roupa e vi que era roupa do Roberto, aí ele falou: “Ô bicho não tá me reconhecendo?” Era o Roberto disfarçado pelo maquiador da Record - uma tentativa de voltar a ter momentos de pessoa comum - triste ilusão.

Nesse momento chegaram alguns repórteres da Manchete e acharam a idéia do disfarce genial e queriam fazer uma reportagem. O Roberto sugeriu que saíssemos todos para dar um passeio e testar o disfarce. Ele foi andando até a Praça Princesa Isabel, sentou num banco e eu sentei ao lado dele depois.

Deviam ser mais ou menos 13h e algumas estudantes passavam no local. “Oi linda, tudo bem?” o Roberto mexeu com elas que nem deram bola, parecia que disfarce estava bom e ele resolveu aproveitar a oportunidade para ir ao cinema. Fomos andando até o metrô onde estava passando Dr. Jivago e entramos. O Roberto sentou na frente ao lado de um casal e eu sentei logo atrás dele. De repente a mulher a seu lado começa a olhar para ele. Eu já fiquei preocupado. Então ela vira-se para o namorado e diz: “Não parece o Roberto Carlos?” o namorado responde: “Eu acho que é ele mesmo”. Eu dei um cutucão no Roberto e falei: “Vamos puxar o carro bicho!” Mas já era tarde demais: a notícia se espalhou como pólvora pelo cinema e nós fomos refugiar na gerência e só conseguimos sair de lá numa ambulância.

Saímos outras vezes pelas ruas, mas ele esquecia que eu também já estava com a imagem conhecida por causa de tantas reportagens, então as pessoas não o reconheciam, mas me reconheciam e por dedução...

Quando o nosso endereço se tornou público, já ficava difícil até sair do prédio, porque diariamente ficavam de 20 a 30 carros, em sua maioria de garotas na frente do edifício esperando que ele saísse para o programa Jovem Guarda.

Toda vez que ele saía para o programa ou para outro show qualquer, tinha que ser fortemente escoltado, mas havia vezes que o Roberto queria sair sozinho. E aí, como fazer? A idéia dele foi a de entrar no porta-malas de um de seus carros (nessa época ele já tinha seis e todos demais conhecidos das fãs). A saída do carro era infalivelmente parado pela pequena multidão, e quando viam que o Roberto não estava dentro deixavam seguir. Uns quinhentos metros adiante, em alguma rua mais deserta, o Eurico parava e o Roberto saía de dentro do porta-malas e pegava um táxi.

negócio dos disfarces teve que ser abandonado, porque, além de não ter se mostrado muito eficiente, dava um trabalhão danado para ser retirado, tinha que usar benzina, lavar a cabeça várias vezes para tirar o branqueador.

NUAS E CRUAS

A maioria das fãs se contentavam em ver o Roberto pela TV ou em comprar os seus discos. Uma outra parte menor procurava se aproximar dele nos shows, ou ficando de plantão em frente ao prédio. Mas havia ainda um terceiro grupo, esse felizmente bem menos numeroso, que queria um contato mais estreito, mais íntimo, digamos com o Rei da Juventude Brasileira. Dois desses casos que me vêm na memória agora foram muito interessantes. O interfone toca e eu atendo. “Alô seu Nichollas, aqui é o zelador, dá para o Sr.

descer agora que tem uma moça aqui dizendo que vai tirar a roupa. “O homem estava meio aflito e eu desci imediatamente. Encontrei na portaria aquele pequeno rebuliço e uma mocinha bonita, bem vestida e visivelmente transtornada no centro de tudo. “Você é o Nichollas, eu te conheço. Olha, o negócio é o seguinte: eu quero falar com o Roberto, de qualquer maneira, se não me deixarem eu tiro a roupa aqui mesmo”. Eu comecei a tentar explicar que Roberto não estava e que... num gesto brusco ela arrancou o vestidinho de jérsei branco e ficou nua e histérica. Eu, estava tentando manter a posse de mordomo inglês, perdi o controle, os vizinhos iam chegando, o porteiro, coitado, não sabia mais o que fazer. Uma vizinha arranhou um roupão e a polícia que chegou logo em seguida levou-a dali.

O Roberto havia saído para uma excursão pelos estados e eu estava sozinho em casa. Deviam ser quase dez horas da noite, a campainha toca. Como não esperávamos ninguém, eu estava em traje esporte e assim fui atender à porta. Quando abri sofri um impacto: era uma mulher maravilhosa, vestindo um casacão de peles mais incrível que eu já tinha visto.

Boa noite. Você é o Nichollas? Eu sou fulana de tal. O Roberto está? Não.

Bem, já que o Roberto não está eu fico com você mesmo, mas depois quero que você me apresente ele.

A mulher acabou de falar e abriu o casaco - estava em pêlo, e que pêlo! Hoje eu fico pensando naquela cena e na cara de idiota que eu devo ter feito. Acho que a única coisa que consegui falar foi “Pelo amor de Deus”, enquanto a puxava para dentro e fechava a porta. Ela começou a falar e a contar uma estória que veio não sei de onde e que tinha tomado coragem para fazer aquilo e que não ia desistir, etc., nem me lembro direito de tão zozzo que eu fiquei. Que dilema, eu não podia usufruir daquele monumento ali, pôxa não era a minha casa. Então convidei-a para sair. Antes mostrei toda a casa para que ela se certificasse de que o Roberto realmente não estava, aí ela falou: “Está bem, hoje eu saio com você, mas amanhã venho te procurar para eu sair com o Roberto”. É claro que eu concordei. Saimos, fomos a alguma boates e depois passamos o resto da noite juntos. No dia seguinte, lá pelas 21h, escuto uma algazarra lá em baixo (nós morávamos no 3º andar) e abro a janela para ver o que estava acontecendo: “Olhaí, fala para o Nichollas que eu passei a noite com ele, mas que estou mesmo é a afim do meu Roberto Carlos e se ele não aparecer eu vou ficar nua aqui na rua!”.

PEQUENOS ACONTECIMENTOS E O GRANDE CORAÇÃO DO ÍDOLO

A rotina de um grande ídolo na crista da onda é um pouco diferente daquela das pessoas comuns, mas não deixa de ser rotina. Recebíamos uma média de 150 telegramas por dia, o que vocês podem imaginar o que isto significa. Às vezes eu atendia. Outras vezes, deixava a secretária eletrônica atender (a máquina era provida de um gravador que atendia o telefone e dizia “você tem tantos minutos para deixar o seu recado”. Quando eu atendia era geralmente assim: “Pastelaria Chuque Chuque às suas ordens” ou então: “Alô, aqui é do cemitério sempre cabe mais um”. Se fosse alguém conhecido isso servia como uma espécie de senha, o cara dizia “Diz pro bicho que a minha vaga aí está reservada”, e se identificava.

Roberto foi contratado para fazer um show no Norte e viajou. Depois de realizado todo o trabalho de casa, eu fiquei sem ter o que fazer e também não tinha vontade de sair. Desliguei então a aparelhagem eletrônica e me preparei para atender o telefone, isso que me divertia e trazia sempre surpresas surpreendentes. Comecei a atender e a anotar os recados, e a despachar logo quando era o caso. Num desses telefonemas ouvi uma voz de mulher um pouco nervosa: “Alô, é da casa do Sr. Roberto Carlos? Por favor não desligue. Estou tentando ligar para aí há vários dias e não consigo. Sou fulana de tal, e tenho uma filhinha que sofre de uma doença incurável no sangue. Ela está condenada e sabe disso. O maior sonho dela é conhecer o Roberto Carlos antes de morrer.

“Eu pedi que ela me desse o endereço e disse que ia ver o que eu podia fazer.

Saí de casa, peguei um táxi e fui a rua do endereço. Saltei antes de chegar o número que me foi dado e toquei a campainha de uma outra

vizinha. “Por favor, por aqui mora uma senhora que tem uma filha assim, assim? Eu queria ajudá-la”. Então o vizinho confirmou a estória e o endereço, e só aí fui até lá. Fui muito bem recebido pela senhora, e a filha dela ficou muito feliz e repetiu na minha frente que gostaria muito de ver o Roberto Carlos. Voltei para casa e esperei o Roberto chegar de viagem. Fiz-lhe o relatório de tudo que tinha acontecido e contei-lhe o problema da menina.

Ele nem pensou duas vezes, só pediu que eu fosse na frente para ver como ele poderia chegar. A menina não cabia em si de felicidade ao ver o “Rei” em carne e osso, e a mãe chorava muito e não parava de agradecer. Depois de algum tempo soubemos que a menina havia morrido.

Mas estórias como essa eu ouvi dezenas de vezes, só que não dava para conferir e satisfazer a todas porque senão ele não faria mais nada na vida.

Era difícil passar pela portaria sem ser identificado mas acontecia de alguns conseguirem furar o bloqueio, como foi o caso do senhor de terno que queria uma ajuda do Roberto para pegar o caminhão que ele havia comprado e não estava conseguindo pagar.

Apesar disso, sempre existem os casos excepcionais, e desses o que mais tocou a todos nós foi o de uma moça que um dia chegou pela entrada de serviço. Ela estava grávida, era bonita e tinha um drama daqueles. “Eu vim procurar o Roberto Carlos porque foi a única pessoa que me ocorreu, que pudesse ajudar.

Meu marido morreu num desastre semanas atrás, tomaram a nossa casa e agora não tenho onde morar, nem dinheiro, e o nenê vai nascer logo”. Fiquei meio abestalhado diante de tanta desgraça, tanto sofrimento e não tive nem condições de usar qualquer saída pré-fabricada. Pedi que ela entrasse e sentasse um pouco, que embora o Roberto não estivesse eu ia ver o que podia fazer. Fui até o quarto dele e expliquei a situação, mostrei-lhe inclusive a Ação de Despejo que ela trouxe, foto do marido e etc. Ele ficou chateado e disse: “Pôxa

Mariano, vê se não me trás esses casos porque se eu for resolver o problema de todo mundo estou perdido”. Então eu pedi para dar Cr\$ 500,00 a ela e ele autorizou e mandou dizer-lhe para vir outro dia que ele ia ver o que era possível fazer. Cheguei na cozinha, a moça estava conversando com a D.

Sebastiana e já estava comendo alguma coisa. Eu entreguei a ela as 5 notas de Cr\$ 100,00. “Onde estão suas coisas?” perguntei. “Na casa da minha vizinha”.

“Então pegue este dinheiro, arranje um lugar para você ficar o volte daqui uma semana, que vamos ver o que se pode fazer”. “Mas o senhor vai me receber? É tão difícil passar pela portaria, eu tive que implorar a outro morador para que subisse comigo”. “Vamos lá eu vou falar com o porteiro”.

Os dias foram passando e eu já havia até me esquecido do acontecimento. Um dia, um jornalista - o Sílvio Dinardo que era amigo da casa, veio para uma visita.

Estávamos os três ouvindo um som, quando de repente Roberto falou: “Escuta Sílvio, vê se através do jornal você arranja uma internação para mim”. “Para quem é?” ele quis saber. “Para uma moça que está grávida e em dificuldades. Ela vai precisar de um pré-natal, parto e cuidados após o parto. Você arranja isto?” Aquilo me surpreendeu, porque honestamente eu havia esquecido, e o Roberto com a cabeça cheia de compromissos não esqueceu. Logo depois a moça apareceu e eu contei a ela que o parto já estava resolvido, etc. e tal, e que o Roberto estava oferecendo a ela dois mil cruzeiros. Aí ela teve um gesto que me impressionou. “Eu não vim aqui pedir dinheiro. Naquele dia eu aceitei porque minha situação era disesperadora. Hoje eu já estou instalada na casa de uma amiga e só quero mesmo é saber sobre a internação”. Tudo foi arranjado, nasceu um lindo menino que eu batizei. O nome dele? Roberto Carlos.

desfile na porta de casa, pelo telefone, através de cartas era o mais variado que qualquer pessoa podia imaginar. Gente pedindo dinheiro,

emprego, oferecendo música para o Roberto gravar, meninas se oferecendo para transar com ele (meninas de todas as classes sociais, inclusive da alta), estórias das mais banais, as mais intrincadas.

Uma vez comentando com uma pessoa no telefone, que eu me sentia um pouco passarinho numa gaiola de ouro, o Roberto ouviu e veio conversar comigo. Ele não compreendeu como é que eu podia me sentir assim, se tinha tudo o que quisesse dentro de casa. Eu falei que tinha perdido uma coisa muito importante: a minha liberdade. Ele parou, ficou pensando e disse: “pois é, hoje em dia eu não posso mais andar livremente pelas ruas, olhar vitrines, tomar sorvetes, tomar um porre, porque eu sou Roberto Carlos”. Aí eu falei: “Eu sou o Nichollas”. Ele começou a rir; nós dois rimos e depois ele ficou pensando de novo. Hoje eu lembro que naquele momento fiquei pensando no dia que acabamos de fazer uma apresentação, na TV Rio, no programa Jair de Taumaturgo, isso há uns quatro anos atrás, e na volta, dentro do ônibus cheio de meninas de biquíni, que voltavam da praia, ele comentou maio amargo: “Tudo pobre, ninguém me conhece porque não tem televisão”. Como ele queria ser conhecido e famoso!

RELAÇÕES INTERNACIONAIS Do tempo que o Roberto esteve hospedado no Hotel Jandaia, fez amizade com Yvo, dono do hotel. Mais tarde foram sócios em um restaurante chamado Calhambeque, que ficava na Avenida Santo Amaro. Ali iam artistas famosos brasileiros e estrangeiros. Foi assim que conheci o Chris Montês (The more I see you, The more I want you...) um rapaz muito simples, de família porto-riquenha que enfrentou grandes obstáculos para chegar ao estrelato. O Roberto deixou o Cadillac com o Eurico e tudo à disposição dele. Porém o caso internacional mais engraçado foi o que aconteceu com Johnny Holliday e a Silvie Vartan. Eles chegaram no apartamento para fazer uma foto que seria capa de uma revista. A foto deveria ser a Silvie (que diga-se, a bem da verdade, era um monumento de mulher) ladeada pelo marido e pelo Roberto. Eu logo notei que o Roberto ficou impressionado com ela e começou a paquerá-la, sutilmente. Na hora da foto, o Roberto vai para o lado da Silvie e coloca a mão no ombro dela. Pra que, o homem, o Johnny, ficou uma arara. Tirou a mão do

Roberto de cima do ombro dela e mudou as posições da foto: ficou ela, ele e o Roberto.

Mas a coisa não ficou só aí. O Johnny estava fazendo um show lá no Calhambeque e então fomos todos para lá assistir. Ficamos numa mesa junto ao palco com a Silvie, o empresário, o Roberto, eu e mais alguém que não me recordo. Então comecei a olhar para ela, e ela retribuía o olhar sorrindo. Aí eu pensei: “puxa vida estou agradando, será que ela ouviu falar da fama do machão brasileiro e quer experimentar?”. Acabou o show e o grandalhão do Johnny veio para a mesa. Ela segredou alguma coisa para ele e eu vi o homem mudar as feições, se transformar e vir bufando na minha direção. Mais do que depressa eu me levantei, porque já sabia qual era a bronca e me preparei para a briga. Felizmente a turma do deixa - disso evitou o choque Brasil x França, porque era capaz de eu até matar ele de tanto bater...

QUEREM ACABAR COMIGO...

O sucesso do Roberto era um fato consumado. Além de toda a máquina que foi colocada para “fazer” Roberto Carlos, existia o seu inegável talento e um fascínio que ele exercia sobre as pessoas, principalmente sobre o público feminino. É claro que existiam outros ídolos da juventude: Ed Wilson, Wanderlei Cardoso, Jerry Adriani, Demetrius, mas nenhum deles com o brilho e o carisma do Roberto - a “nossa” posição, como eu costumava dizer na época, era tranqüila e inabalável.

Porém, a mesma “máquina” que alimentava Roberto Carlos, e se nutria dele, tinha necessidade de outro ídolo para o caso daquele não resistir às mandíbulas da fama.

E começou a despontar com muito brilho no cenário musical da época, um “príncipe” pronto para ocupar o lugar do “Rei”, caso ele caísse (rei morto, rei posto) - Ronnie Von. Com uma boa voz, uma linda figura cênica, inteligente, culto, cantor e compositor, Ronnie Von tinha tudo, até nome e empresário para galgar o trono do “Rei”.

Ele iria estrear um programa na própria Record (emissora do Roberto) e aquilo somado aos rumores sobre a retaguarda que tinha, começaram a nos deixar ligeiramente apreensivos. No entanto o sucesso do Roberto era tão tremendo, tão arrasador que eu creio, qualquer cantor que aparecesse na época ficaria ofuscado naturalmente pelas cintilações de Roberto Carlos. O próprio Roberto Carlos nunca esteve seriamente preocupado, ele achava que havia lugar ao sol para todos, mas a Nice começou a demonstrar preocupação e a botar minhoca na cabeça dele.

Então, uma noite ele chegou, vindo da casa da Nice e foi tomar banho. No banheiro, enquanto ele se banhava, a gente ia conversando: “Olha Mariano, os caras estão gastando uma nota em cima

do Ronnie Von. Você acha que ele pode vir a prejudicar a gente? Eu estou com vontade de fazer uma música pra arrasar.

Quando eu terminar leva o violão e o gravador lá pro quarto”. Ele foi para o quarto, pegou o violão e começou a compor. Eu ia escrevendo a letra: Querem acabar comigo, nem eu mesmo sei por quê... “essa letra tá legal cara. Sabe a Nice falou comigo, mas eu disse a ela que enquanto ela estiver comigo, ninguém vai me destruir”. Aí eu falei: “Taí, cara, é isso aí mesmo!”. Foi assim que surgiu Querem acabar comigo, ele começou e o Erasmo terminou.

Para reforçar o mito, naquele mesmo ano o Roberto surpreendeu a todos vencendo o Festival de San Remo, na Itália, tornando-se conhecido além das nossas fronteiras.

Como ele havia previsto, há lugar para todos que tem talento e Ronnie Von está aí até hoje, vitorioso e com sua fatia de bolo.

O “SUICÍDIO” DO MORDOMO DO “REI”

Apesar de minha vida se resumir em viver Roberto Carlos, eu sentia uma grande necessidade de ter alguém em quem pudesse confiar, gostar e quem sabe até casar. E numa dessas ocasiões, favorecido pelo acaso, conheci uma menina numa companhia de aviação. Eu havia ido comprar dez passagens para o Roberto e comitiva, para um show que ele iria fazer em São Luiz do Maranhão.

Chegando lá, eu não sabia o nome de todos os componentes do séquito e foi aquela confusão. Até que finalmente consegui localizar o Roberto no Rio e com alguma dificuldade completei minha missão. Mas, nesse ínterim, fui atendido por uma moça muito simpática que me veio oferecer o providencial cafezinho.

Conversa vai, conversa vem, e acabamos marcando um encontro. Eu fiquei radiante, era minha primeira tentativa de namoro e contei para o Roberto que me deu a maior força: “Puxa cara, que legal, fala com o Eurico para te levar no Cadillac, diz a ele que eu autorizei”. Vocês já imaginaram não é? eu chegando de Cadillac presidencial na porta da firma, o Eurico saltando e abrindo a porta para a menina, todo mundo olhando, aquela pressão. Bem, fomos ao cinema e depois a uma boate e começamos o namoro. Eu era super inexperiente e aproveitei a ida do Carlos Imperial lá em casa para pedir a ele, mestre maior das paqueras e da arte de abater lebres, que me desse umas dicas de como eu devia agir.

Seguidos os ensinamentos do mestre e com ajuda do Roberto (que me reservou uma noite no hotel) consolidei a minha ligação com essa moça até então virgem. Eu estava realmente envolvido e gostando de verdade dela, e já caminhávamos para o primeiro ano de namoro, quando pela primeira vez ela falou, sem explicações, a um encontro. Fui procurá-la em casa no fim de semana, mas ela havia viajado. Na segunda-feira, parti já meio cabreiro para a firma onde ela trabalhava. Ela veio falar comigo com um jeito estranho.

Começamos a conversar, mas a conversa logo virou discussão e num dado momento ela desfechou o golpe final: “Não seja idiota, o importante não é ser o primeiro e sim o último”. Eu fiquei possesso e dei um murro no balcão, quebrando o vidro e cortando o pulso. Imediatamente formou-se a confusão e eu fui levado para o hospital onde levei cinco pontos e depois para a delegacia de polícia.

Fiquei esperando não sei o quê, até que surgiu um cidadão de terno que julguei ser um policial. Ele começou a me perguntar o que havia acontecido e ia anotando em um caderninho. De repente apareceu outro com uma câmara e tirou várias fotos minhas com o braço na tipóia. Mais tarde, um outro senhor me ouviu e disse que poderia ir embora, mas que deixasse o nome e endereço. Fui para casa chateado por toda aquela confusão, magoado com minha ex-namorada, em suma, de mal com o mundo. Mal sabia eu o que ainda estava por acontecer.

Para não criar maiores problemas, disse ao Roberto que eu caí com uma garrafa de Coca-Cola que se quebrou e me cortou, mas que eu já havia sido medicado e tudo bem.

Roberto tinha costume de ler todos os jornais do dia, para acompanhar a movimentação em torno da jovem guarda, e mais precisamente em torno do seu nome. Na manhã seguinte ao incidente desci para comprar os jornais como sempre fazia na banca da esquina. Chegando na banca fui atingido por um “raio”. Na primeira página do Notícias Populares a minha foto com o braço na tipóia e a manchete em letras garrafais “MORDOMO DO REI TENTE SUICÍDIO”.

Quase todos os jornais davam a notícia falsa com mais ou menos destaque.

Fiquei gelado sem saber o que fazer. Comprei as revistas que haviam na banca.

Cheguei no quarto do Roberto e contei uma estória boba de que os jornais tinham acabado naquela banca, etc. e tal, e ele disse que estava tudo bem e mais tarde eu procuraria em outra banca. Pensei

que ia acabar esquecendo os malditos jornais, mas de repente ele me chama no quarto. Quando entrei vi que a coisa ia ficar preta: alguém tinha feito o favor de lhe levar os jornais com a mentirosa notícia. “Você quer me destruir? Quer acabar com o meu nome? Quem é que você pensa que é? Um João-ninguém, um cara sem importância? Será que você ainda não sabe que tudo que você faz reflete em mim?” Tive que escutar aquela bronca toda, calado, até que ele descarregasse tudo e me desse chance de explicar. Mas uma das características do Roberto é a facilidade que ele tem de mudar de humor repentinamente. Com calma expliquei-lhe a triste estória do meu “suicídio”, ele me desculpou e acabou até achando graça.

O MISTÉRIO DESVENDADO... NATURALMENTE

Mesmo algum tempo depois de estar morando com o Roberto Carlos no apartamento de São Paulo, havia ainda um segredo, um mistério envolvendo a vida dele e de qual eu não participava. No entanto, por mais bem guardado que seja um segredo, se ele já foi revelado a uma única pessoa sequer, está com os dias de segredo contados.

Eu já conhecia o mistério através do Roberto, mas sempre há alguém mais que sabe e esse alguém resolve dividir o peso da responsabilidade com outro alguém. Além disso, numa viagem que fizemos a Cachoeiro do Itapemirim, o pessoal da cidade onde Roberto Carlos nasceu tinha conhecimento de um acidente ocorrido com ele quando tinha dez anos de idade. Foi lá que ouvi pela primeira vez da boca de estranhos a verdadeira estória do acidente de trem que mutilou uma das pernas do menino Roberto Carlos.

Ao que parece ele estava indo levar uma namoradinha em casa e tinha que cruzar a linha do trem. Na volta, já sozinho, ao atravessar sobre os trilhos caiu e nesse momento o trem apareceu a toda velocidade e o garoto, Roberto Carlos, não teve tempo de sair com o corpo todo, e as rodas de aço do trem passaram por cima de sua perna, cortando um pouco abaixo do joelho. Ele foi levado de helicóptero para Niterói, onde fez uma operação e desde aquele dia nunca mais havia retornado a Cachoeiro.

O jovem Roberto Carlos tinha um grande complexo por causa da perna, tanto é que isso foi um dos segredos mais bem guardados do meio artístico e quem sabia respeitava a vontade dele de não divulgar. Hoje em dia isso parece que foi superado pelo próprio Roberto, que de certa forma se encarregou de desabafar o episódio com a música "Divã": "Eu lembro bem a festa, o apito e na multidão um grito o sangue no linho branco e a paz de quem carregava em seus braços quem chorava e pro céu ainda olhava..."

Essas recordações me matam E por isso eu venho aqui...” e já falava disso abertamente em alguns de seus shows.

Porém, eu mesmo só vim a saber num dia em que me chamou ao banheiro.

Cheguei lá, ele estava se preparando para entrar no banho. Sentado na banheira, de sunga, ele segurava um rolo de esparadrapo: “Mariano me ajude aqui, essa perneira está me machucando, estou cheio de dores... pega o algodão pra mim.. “Procurei fazer tudo o mais naturalmente possível, acho que fiz o trabalho que D. Laura fazia, pois não existia cinco pessoas que tinham acesso direto ao problema, além da família dele. Daquele dia em diante tornou-se rotina auxiliá-lo com a perneira e várias vezes fui ao Rio, levar a peça para ser ajustada pelo Alemão que fabricava esses aparelhos. Aos poucos ele foi se descontraindo em relação a isso e até piada fazia, tanto é que botou o apelido da perneira de “hidramático”.

Mas apesar disso, ele nunca permitiu que pessoas fora do seu círculo de amigos íntimos participasse ou tomasse conhecimento do fato. Lembro-me de quando ele comprou uma lindíssima casa na Chácara Flora, um local isolado e aparentemente indevassável. Estávamos na piscina (um grupo de 4 ou 5 pessoas) e conversávamos animadamente - aquele era o primeiro ou segundo dia na casa. De repente, avistamos algumas meninas que haviam conseguido pular o muro e subir no alto de um morrinho para espionar o Roberto. Ele ficou possesso, saiu às pressas da piscina, pulando de raiva. No dia seguinte colocou a casa à venda.

AMIGO

Quando as pessoas falam da grande amizade entre Roberto e Erasmo Carlos, pensam logo em dois amigos que vivem juntos: saem, almoçam, curtem, enfim estão sempre um com o outro. Mas não é verdade. Eles raramente se vêem, e aí talvez esteja o segredo de uma amizade duradoura - a distância. Mas houve uma época em que os dois tinham um contato bem maior, e foi nessa ocasião que surgiu a única desavença séria de que tinha notícia entre o “Rei” e o Tremendão (hoje não tão tremendão). O Erasmo estava sendo entrevistado num programa de televisão e ao falar sobre suas músicas, excluiu o Roberto Carlos das parcerias. Por coincidência o Roberto estava assistindo o programa e ficou fulo da vida: “Qual é a desse cara? Ele tá pensando que eu não tenho condição de fazer música sozinho?! Ele vai ver... E viu. O Roberto ficou algum tempo compondo sozinho suas músicas, até que houve a reconciliação entre eles - e a dupla voltou a fazer sucesso juntos.

A FORRA

Eu particularmente não sou uma pessoa vingativa. Porém há certas coisas que marcam muito fundo a alma da gente, talvez pelo momento especial em que ocorreram e isso deixa uma cicatriz que, às vezes, dura a vida inteira. E foi o que aconteceu com a forra no Luíz de Carvalho, de quem hoje sou amigo e tenho grande admiração. Mas, como vocês devem estar lembrados, o Luíz me deu uma tremenda esnobada quando fui pedir-lhe que tocasse o disco do Roberto Carlos em início de carreira. Os anos passam, e o Roberto vence. O telefone toca no castelo do “Rei” e Nichollas atende: “Alô aqui é da Rádio Globo, a que horas o Roberto vai chegar para o show apresentado pelo Luíz de Carvalho? - “Desculpe-me mas ele não vai. Roberto Carlos só faz show de sucesso”. Pimba, desliguei o telefone. O Roberto estava dormindo, e quando acordou: “Puxa, Mariano eu tinha um show na Quinta da Boa Vista, do aniversário da Rádio Globo”. “Agora já era”. A Rádio Globo ficou quase um ano sem tocar Roberto Carlos, o que, diga-se de passagem, em nada prejudicou sua carreira.

MAIS MULHERES

Quando algum amigo mais curioso me perguntava sobre a vida sexual do Roberto eu ficava meio constrangido, não por pudores ou escrúpulos, mas pela diversidade de casos e pelos nomes envolvidos. Mas aqui decidi de uma vez abrir o jogo e satisfazer a curiosidade em torno de lendas sobre o apetite sexual do Roberto.

Não sei exatamente o porquê, mas o Roberto nunca foi muito exigente em termos de mulheres. Isso trocado em miúdos quer dizer: qualquer uma que aparecesse e ele tivesse afim no momento servia. O segredo da perna era preservado nesses casos relâmpagos, simplesmente porque ele não tirava a roupa.

Lembro-me de certa vez no Rio, estávamos saindo de um show e ele resolveu passar pela Mem de Sá, tradicional local de meretrício carioca, onde as mulheres ficam na passarela esperando os eventuais fregueses. O Roberto vinha no volante e viu uma: “Olha lá Mariano estou afim de transar uma com uma dessas. Vai lá e chama ela pra dentro do carro.” Eu fui e bati um papo com a moça e viemos andando em direção ao carro. Ela chegou, debruçou-se na janela e pronto - apesar dos óculos escuros reconheceu o “Rei”. Aí começou a gritar: “É ele, é ele, o Roberto Carlos!!!” O Roberto engrenou a primeira e arrancou cantando os pneus deixando para trás uma prostituta deslumbrada e um jovem secretário espumando de raiva.

Já em São Paulo, recebemos a visita de uma cantora muito famosa na época, muito comentada pelos seus romances estrondosos e pela paixão pela bebida, hoje, tristemente afastada de nós por um acidente automobilístico fatal. Então ela chegou e como Roberto estava na televisão eu a recebi. Perguntei se desejava beber alguma coisa e ela pediu whisky. Deixei uma garrafa de scotch com ela e fui até o quarto assistir o programa onde o Roberto se apresentava.

Cerca de vinte minutos depois fui até a sala avisar que o programa já havia terminado e que logo estava de volta. Percebi com alguma surpresa que o litro do escocês estava mais seco que açúcar nordestino. Imediatamente trouxe-lhe outra garrafa que ela não teve tempo de secar (ficou no quase) porque o Roberto chegou. Sem demonstrar o menor abalo ético, foram os dois rápido para o quarto e foi aquela sinfonia: dois cantores, ambos tarados e movidos à álcool. Ficamos (os empregados) ouvindo do corredor os gritos, urros, palavrões e outros ruídos emitidos pela saudosa cantora.

Roberto tinha um apetite violento, mas era de lua e quando cismava seria capaz de dispensar até a Raquel Welch, e um episódio que aconteceu logo no início da nossa estada em São Paulo acabou me provando isso.

Uma tarde, o interfone toca e o zelador pede a minha presença na portaria.

Tudo bem. Chego lá, e ele está ao lado de uma senhora belíssima, muito bem vestida com os infalíveis óculos escuros e carregada de jóias. O zelador então me explicou que a senhora desejava falar comigo. “Pois não, do que se trata?” Ela preferia sigilo, então fomos até o salão de festas, onde ficamos à vontade.

Ela disse um nome que tenho certeza não era verdadeiro e começou a velha estória: “Olhe, Nichollas, sei que você é homem de confiança do Roberto Carlos, por isso estou te procurando e peço-lhe absoluta discrição devido a minha posição social, etc. e tal. Eu assegurei que nada do que seria dito ali passaria a outras pessoas. Ela então abriu o jogo objetivamente e sem rodeios: “O negócio é o seguinte, eu quero sair com o Roberto Carlos!”. Antes que eu pudesse argumentar alguma coisa ela continuou: “Estou disposta a sair primeiro com você, com a condição de você me fazer chegar até ele.” Fiquei meio abalado e prometi a ela que iria ver o que era possível fazer. Cheguei para o Roberto e expus o assunto. A reação do “Rei” foi das piores: “Olha Mariano, esse negócio não dá pé. Quando eu quiser

transar alguém eu transo direto e pronto; esse papo de triângulo não dá”. Então perguntei a ele se havia alguma objeção em que eu saísse com a mulher. Resposta dele: “a cabeça é tua”. À noite ela telefonou e nós saímos. Fomos à boate e depois para o hotel. Lá entre gozos e suspiros, quando eu já esperava que alguma frase amorosa saísse daqueles lábios, ela falou ofegante: “Você promete que me leva ao Roberto?” Isso era para cortar o barato de qualquer cristão, e hoje eu até acho engraçado, mas na época foi duro de engolir.

Episódios assim aconteceram com freqüência e era desde a empregada doméstica até a filha do industrial, a mulher do deputado, a atriz famosa, a cantora x, etc. Muitas ofereciam-me dinheiro, outras os seus favores sexuais, algumas conjugavam as duas coisas - todas queriam partilhar alguns momentos da cama do mito.

MINHA ACIDENTAL CARREIRA DE CANTOR

A minha entrada para o mundo artístico se deu por puro acaso, e como sempre Roberto Carlos foi a chave mágica que abriu esta porta.

Tudo começou com um programa de televisão. O Airton Rodrigues fazia um programa chamado A Minha Casa é Assim onde ele “visitava” a casa de artistas famosos, mostrando ao público o lado íntimo, particular da vida dos ídolos da época.

Roberto foi convidado a participar da “visita” do Airton e aceitou. Mas por problemas contratuais com outra emissora, da qual era contratado, ele não poderia aparecer diante das câmeras. Então, ficou decidido que eu faria as “honras da casa” e o Roberto aproveitaria a ocasião para fazer uma pequena viagem.

Tudo acertado. No dia marcado, o nosso apartamento foi invadido por um batalhão de técnicos de TV, cameramen, assistentes disso e daquilo, que carregavam fios, cabos, booms, câmeras, etc., em suma aquele até então calmo e tranqüilo apartamento transformou-se, de repente, na sucursal alucinada de um estúdio de televisão.

Começa o programa com o Airton tocando a campainha e sendo induzido, por mim, ao hall de entrada. Aí, eu expliquei diante das câmeras o porquê da ausência do Roberto (dei uma desculpa qualquer) e fui em frente, mostrando o castelo encantado do Rei.

As câmeras iam percorrendo os ambientes, o Airton fazia as perguntas e eu ia, na medida das minhas limitações, respondendo da maneira que o Roberto talvez respondesse caso estivesse ali.

Na sala, as câmeras se detiveram nos objetos e obras de arte que por ali estavam e o Airton se fixou numa tela muito bonita da pintora Tami Otaki. Eu que nunca havia parado para analisar aquele quadro, de repente me vi na condição de crítico de arte e passei a discorrer sobre o possível significado da pintura. Lembro-me que estava

inspirado e falei bastante sobre o quadro, o que mais tarde me valeu uma bronquinha do Roberto e um telefonema elogioso da pintora.

Dali fomos até os aposentos dos criados, depois ao quarto que servia de estúdio ao Roberto. Era lá que ele compunha e gravava suas músicas, em síntese, aquele era o local mais importante da "casa". Diante do gravador, o Airton me perguntou se, por acaso, havia alguma música inédita gravada ali. Por coincidência realmente estava gravada uma canção na qual o Roberto vinha trabalhando há algum tempo, e eu deixei que os telespectadores ouvissem uma parte dessa música. Foi aí que o Airton quis saber se eu ajudava o Roberto a compor. - Não, ajudar a compor eu não ajudo, porque o Roberto não precisa.

Mas, às vezes, ele me pede para solfejar a música, enquanto ele vai pegando a linha melódica porque ele não volta a fita do gravador nunca. Dali fomos até o quarto dele, onde o público teve a oportunidade de ver as roupas do rei, as suas dezenas de botas e a cama tão sonhada pelas fãs mais ardorosas.

programa terminou e o Airton se despediu não sem antes ir até a garagem ver os badalados carrões do Rei.

Dias depois o programa foi ao ar e teve uma grande repercussão, como aliás tudo o que envolve o nome Roberto Carlos.

Os telefones começaram a tocar como de costume em reação ao programa.

Amigos, curiosos, gente do meio artístico, etc...

Entre esses telefonemas três não foram para o Roberto. Um deles como eu já havia dito foi o da pintora Tami Otake, e os outros dois de representantes de duas gravadoras com propostas quase idênticas, queriam que eu Nichollas Mariano gravasse um disco. É claro que não me iludi muito com aquilo tudo porque sabia que o interesse deles era no que o mordomo pudesse aproveitar do sucesso do patrão.

Roberto Carlos naquela altura já era um nome mágico, uma espécie de Midas, que transformava tudo em que tocava em sucesso e dinheiro. E eu estava nessa.

Contei ao Roberto sobre os convites e ele achou uma boa, me incentivou e prometeu me dar toda a força. Fiz então os contatos e acabei optando pela Continental. Mas durante o tempo que levou entre a assinatura do contrato e a gravação do disco, um desentendimento pôs fim a minha feliz associação com o Roberto Carlos. É claro que saí sem brigas e a própria gravadora não ficou sabendo do fato, pois o Roberto me deu uma música sua para eu gravar e ainda por cima escreveu a contracapa do meu disquinho. Aí começou uma carreira artística relâmpago, mas que chegou a ter seus relampejos de sucesso.

CLEONICE ROSSI - O SONHO TERMINA AQUI

Desde o primeiro dia que vi a Nice, na festa de inauguração do novo apartamento do Roberto Carlos em São Paulo, tive uma má impressão dela. Não sei se era pelo fato do Roberto ainda estar ligado à Magda (inconscientemente eleita por mim como a futura sra. Roberto Carlos Braga), ou se por alguma intuição de origem desconhecida, mas o fato é que não gostei da Nice, coisa, aliás, partilhada por D. Laura e por muitas outras pessoas das relações do Roberto. Achei que a Nice era uma pessoa ambiciosa, que, embora de família rica, estava tentando agora participar do sucesso, da fama e do prestígio do Roberto Carlos. De uma forma estranha, eu sentia que ela tinha vergonha de nós, que fazíamos parte da pré-história da vida de Roberto Carlos, embora ela sempre tenha me tratado bem, de uma maneira ou de outra conseguiu afastar quase todos os antigos amigos e colaboradores do Roberto Carlos, inclusive a sua mãe (durante muito tempo eles estiveram afastados, reparem que a letra de Lady Laura é um pedido de desculpas e de reconciliação).

D. Laura achava que a Nice era uma pessoa muito artificial, vinha de um meio social muito diferente, havia tido uma criação diferente. A Magda, apesar de ser rica de berço, era de uma simplicidade franciscana e, além disso, gostava do Roberto desde o tempo que ele era um cantorzinho anônimo, com o violão debaixo do braço. E nessa não simpatia pela Nice, eu e D. Laura éramos cupinchas.

Roberto e Nice se conheceram, ao que parece, quando ela foi pedir a ele que fizesse um show beneficente. A partir dali começou o romance, que viria ocupar grandes espaços em toda a imprensa brasileira.

Roberto sempre se preocupou bastante com o efeito que causaria sobre as suas milhões de fãs, a revelação de um romance sério, afinal de contas, ele era “namorado de todas” e não era de ninguém. A Nice nunca foi muito compreensiva nesse aspecto e nós ouvimos várias discussões, onde ela esbravejava: “Por que você tem medo de falar que

está namorando comigo? Por que você não quer ser fotografado ao meu lado?”. Se as “obrigações” da fama e do sucesso atraíam como cintilações de falso brilhante a Nice, para o Roberto era apenas uma rotina, um preço que resignadamente, galhardamente, pagava.

As discussões entre os dois eram comuns. Certa noite, o Roberto chegou em casa bêbado, totalmente embriagado, coisa que durante todos aqueles anos eu nunca havia visto. Ele estava passando bastante mal e eu o levei até o banheiro.

No caminho ele vomitou muito, inclusive em cima de mim. Preparei um banho pra ele e um café forte. Nesse interim, chega a Nice. Eles tinham tido uma discussão séria e o Roberto se embriagou por causa dela. Ela ficou seriamente preocupada e pediu que eu chamasse um médico. Consegui um médico que se dispusesse a vir às 4 horas da manhã tratar do porre do Roberto e por isso foi regiamente pago.

Nice era possessiva, extremamente ciumenta, beirando as raias da paranóia.

Uma ocasião eu estava passando um fim-de-semana no Rio, na casa da minha tia, quando recebi um telefonema de São Paulo: “Alô, é o Mariano? Aqui é a Nice. Preciso que você venha para São Paulo imediatamente”. “Como imediatamente? São quase 11 horas da noite...” “Não importa, pegue um táxi aéreo, o Eurico estará te esperando no aeroporto. Venha já”. Achei que algo de muitíssimo grave deveria ter acontecido, embora ela tenha me dito que o Roberto estava bem. Consegui um táxi aéreo e voei até São Paulo. o Eurico estava me esperando com a maior cara de sono e fomos acelerado para o apartamento. Cheguei lá e fui direto para o quarto dele. Os dois estavam com cara de quem chupou limão. Quando entrei a Nice foi imediatamente atacando: “Mariano, fala sem mentir, aonde é que o Roberto estava tal dia às tantas horas?” Aí eu apatetado perguntei: “Mas foi só para isso que me chamou no Rio?” “Só e você acha pouco? Vamos logo responda!” Nem me lembro direito o que eu falei, dei alguma desculpa, falei alguma entrevista, mas na verdade eu

sabia que nesse dia a essa hora o Roberto estava dando uma variadazinha de mulher.

Apesar disso, sempre achei que havia um desequilíbrio muito grande de sentimento entre o Roberto e a Nice - ele gostava muito mais dela, do que ela dele. A ascendência de Nice sobre ele começou a se estender por sua vida profissional e foi ela a responsável direta pelo afastamento de alguns colaboradores do Roberto, que quase sempre fazia o que ela queria.

Não posso negar que tiveram momentos de felicidade e alegria. Nice era desquitada e tinha uma filhinha, que o Roberto curtia como se fosse sua. Além disso, ela foi quem deu dois filhos, com os quais Roberto se identificou. Realmente, ele ficou fascinado por ela, e se modificou bastante com esse relacionamento.

Quando casaram na Bolívia, na verdade ela já estava morando lá em casa há algum tempo, mas havia o medo da reação das fãs, da queda do prestígio, etc.

As coisas para nós todos, que compunhamos o fechado círculo de pessoas íntimas do rei, começaram a se modificar. Afinal de contas, agora havia uma rainha no castelo, uma mulher que mudava as coisas, dava ordens, impunha a sua vontade. Eu que me sentia um pouco "sócio" de tudo aquilo, comecei a me sentir desconfortável e, com o casamento, as esperanças de que aquele seria um caso passageiro, apesar de tudo, se desvaneceram.

Conversávamos sobre isso, certa vez, Luiz Carlos (amigo do Roberto), Nélio (seu primo postiço) e eu. Falávamos das modificações do Roberto e culpávamos a Nice por isso. Todos pixamos a Nice. O Nélio saiu dali e foi direto no quarto do Roberto relatar, a sua maneira, a nossa conversa.

Logo depois, o Roberto mandou me chamar no seu quarto. O Nélio estava lá e notei que o Roberto estava visivelmente perturbado. Havia nele uma espécie de senso de urgência. Não sei se consigo explicar direito, porque, mesmo para mim, não ficou claro até hoje. Ele começou a

falar contrariado, mas como se estivesse tirando um grande peso de suas costas, como se estivesse tirando um caroço de sua garganta: “Mariano, pensei que você fosse uma pessoa de minha inteira confiança e vejo que me enganei...” Comecei a sentir, naquele momento, que algo estava se rompendo “...você permite que na minha própria casa se fale mal da pessoa que eu amo, e não diz nada.” Eu poderia talvez naquele instante ter remendado tudo, ter posto panos quentes, como ensina a sabedoria das pessoas mais velhas e experientes, mas achei que depois de tantos anos de amizade, lutas e companheirismo eu devia ao Roberto Carlos a minha sinceridade, a minha honestidade ainda juvenil; eu não soube ser esperto naquele instante, então desabafei: “Sabe Roberto, o negócio é o seguinte, jogo aberto, eu não gosto mesmo da Nice, acho que ela está afim de faturar o teu sucesso, ela é muito esperta, te enredou, ela não gosta de você de verdade...” “Chega!” Ele cortou abruptamente. “Se você não gosta da Nice não pode ficar comigo. Não vou permitir que tramem contra mim dentro da minha casa. Você tem que ir embora...” Quase doze anos de uma amizade das mais bonitas.

Tantos sonhos, tantos planos, tantos projetos em comum, tudo acabado. Dispensado como se despede um empregado comum. E o pior, sem as compensações que um empregado comum recebe. Nada.

Saí e fui morar num apartamento com Luís Carlos e o Vítor Manga, e tocar a única coisa que eu tinha de concreto - a minha acidental carreira de cantor.

EPISÓDIOS

Esse livro não tem grandes pretensões literárias. Apenas quero abrir ao grande público as cortinas dos bastidores fantásticos da carreira de um grande ídolo da música. Nada mais faço senão cumprir mais uma etapa do processo traçado pelo destino que ligou a minha vida de modo tão marcante, tão indissolúvel à vida do maior fenômeno musical do Brasil, portanto, esse livro é somente uma série de episódios dos milhares que aconteceram ao longo dos 11 anos em que estive com Roberto Carlos, e que ficaram gravados com mais nitidez na minha memória. Entre esses, destaco agora quatro episódios que estão ligados a outros artistas mais ou menos conhecido no cenário musical brasileiro e a um acontecimento, que para mim foi normal, mas que causa surpresa à maioria das pessoas para quem eu o relato.

A primeira delas foi com um menino que apelidamos de Biquinho. Normalmente chamávamos de “bicão”, aquele sujeito que tenta entrar na vida do artista para “bicar as sobras de fama e da fortuna desse artista, mas como o personagem em questão deveria ter apenas uns 12 anos, foi batizado de “Biquinho”. Esse menino começou a assediar o Roberto em São Paulo quando ele estava hospedado no Hotel Jandaia. Biquinho era um garoto pobre, vendia limão, e fazia pequenas tarefas (lavar carros, dar recados, comprar cigarros, etc.) para sustentar a si e a sua mãe. O Roberto, como sempre, acabou tendo simpatia pelo menino, que, agora, já lavava o seu carro e fazia outras pequenas coisas para ele. Um dia, o biquinho aparece todo chateado e encontra com o Dedé: “Pôxa vida, Dedé, juntei um dinheirinho, com tanto sacrifício, para comprar uma televisão para minha mãe e o homem da loja não quis me vender, dizendo que eu sou de menor...” O Dedé nem pensou duas vezes, foi até a loja e comprou o aparelho de TV em seu nome. Quando o caminhão chegou com a TV no barraco do Biquinho, a mãe dele ficou nervosa e não queria receber dizendo: “Eu nunca vou ter dinheiro para pagar isso”, até que os homens

conseguiram convencê-la de que a televisão já havia sido paga e que realmente era dela.

Roberto tomou conhecimento daquela estória e ficou comovido. Resolveu, a partir daquele instante, que iria ajudar o Biquinho. Para encurtar a estória, o Biquinho se transformou em Ed Carlos, passou a ter um programa na televisão, na mesma época da Jovem Guarda, que se chamava Mini-Guarda, se não me engano, onde ele era o apresentador fazendo mais ou menos o papel do Roberto Carlos na Jovem Guarda. O Roberto deu músicas para Ed Carlos e contratou-o com exclusividade para a sua firma de promoção artística, a APA.

Assim o Biquinho dos limões, se tornou um artista. O episódio nº 2 diz respeito a outro cantor, que chegou a ter bastante projeção na época da Jovem Guarda, trata-se do Demétrius.

O Roberto gostava muito de atirar, praticar tiro ao alvo. Uma tarde o Demétrius passou lá em casa para buscar-nos para ir atirar no sítio do Paulo Machado de Carvalho. Fomos em quatro: Demétrius, Roberto Carlos, Nice e eu. Chegamos lá e cada um com sua arma, começamos a atirar em latas e garrafas. O Roberto usava uma carabina automática e realmente atirava muito bem. De repente, um passarinho passou a poucos metros de onde estávamos e o Demétrius imediatamente fez pontaria e atirou. Infelizmente o tiro foi certo e atingiu o passarinho, matando-o. A reação do Roberto foi surpreendente. Num acesso de raiva atirou a arma no chão, deu o maior esporro, que eu já havia visto, no Demétrius e acabou com a festa. Viemos embora no mesmo instante. Na viagem de volta o Roberto falou pouco e não se dirigiu ao Demétrius. À noite, ele saiu para um show e, quando voltou, logo me chamou no seu quarto: “Como é que foi lá no show, tudo bem?” perguntei. “Tudo bem” ele respondeu enquanto descalçava as botas: “É aquele negócio do Demétrius. Ele parece que tinha uma espinha de peixe na garganta. “Pôxa, Roberto tá certo ele não deveria ter atirado no passarinho, mas também acho que você exagerou...” “Olha Mariano, não é o problema de matar um pássaro, o negócio é que foi gratuito. Ele matou por matar, entendeu? Ele não matou para comer. Ele não foi

legal. Não gostei mesmo. Se ele vier aqui em casa, tudo bem, mas eu não quero mais papo com ele”. Isso durou algum tempo, até que o tempo fosse atenuando a revolta do Roberto contra aquele rapaz educado e gente boa, que num gesto impensado, tirou a vida de um passarinho sem necessidade.

O terceiro episódio aconteceu com o Agnaldo Timóteo. O Agnaldo havia entrado em contato com o Roberto e combinaram que o Roberto faria uma música para LP que o Timóteo ia começar a gravar. Mas o tempo ia passando, o Roberto sempre às voltas com mil shows, entrevistas, gravações, e nada de aprontar a tal música. O Agnaldo Timóteo ligava impaciente lá para casa, diariamente, para saber da música. Eu que atendia o telefone, já não sabia mais o que dizer, que desculpa daria daquela vez, e o tempo foi passando. O Roberto sempre me prometia a música “pra amanhã” e a situação estava ficando difícil, acho que todos conhecem a fama do temperamento do Timóteo, que, apesar de ser uma dama no trato com as pessoas, é capaz de encarar, sozinho, a torcida do Flamengo (ele é Botafoguense fanático), como já aconteceu. Então, um dia, a coisa chegou ao seu ponto máximo de pressão. O Agnaldo desesperado, já com a gravação do disco em andamento, estava ameaçado de ter que interromper a gravação se a música não chegasse no dia seguinte.

O Roberto havia acabado de chegar da televisão e eu fui até o quarto dele: “Olha aqui Roberto, eu não tenho mais condição de agüentar o Timóteo, você promete a música pra ele e agora tá mancando, essa música tem que sair hoje, etc. e tal”. Ele pediu o violão e uma hora depois Meu Grito estava gravada em fita, que eu levei pessoalmente, naquele mesmo dia, de avião, para o Agnaldo Timóteo gravar e que foi um imenso sucesso. Assim que foi feito Meu Grito, no grito...

O Quarto e último episódio não está ligado a nenhum outro artista, mas é muito significativo do tipo de confiança que existia entre o Roberto e eu. Um dia, ele chegou de um show com um pacotão de dinheiro (naquela época não existia nota de Cr\$ 5.000,00). Eram 50 mil cruzeiros, ele me entregou e pediu que eu guardasse. Peguei o

pacote, do jeito que estava e joguei em cima do armário. Esqueci. Esquecemos. Meses depois fui limpar o armário, vi aquele pacote estranho ali. Era o dinheiro. O Roberto estava viajando e quando voltou eu perguntei: “Você não está sentindo falta de algum dinheiro?” “Que dinheiro?” Ele nem lembrava mais. Aí falei: “aqueles cinquenta mil cruzeiros, que você trouxe do show tal, lembra?” “Ah!, eu pensei que você tivesse depositado...” “Eu pensei que você é que tivesse depositado. “Nós rimos bastante daquela loucurinha de menino rico e, no dia seguinte, fui depositar a grana.

MINHA VIDA SEM ROBERTO CARLOS

Conheci na euforia da carreira iniciante um rapaz, o Joel, que era foca na Última Hora. Conversei com ele e surgiu a idéia de fazer uma matéria comigo e o Roberto. Fomos até o antigo teatro Record onde o “Rei” estava fazendo um show, e no final chegamos até o camarim para tirar as fotos que ficaram famosas. Roberto Carlos lado a lado com seu ex-mordomo e atual companheiro de profissão. A matéria saiu com destaque e teve muito boa repercussão. O Joel estava empolgado e comecei a perceber nele algo daquele entusiasmo, daquela empolgação que eu sentia pelo Roberto.

Marquei uma viagem para o Rio onde eu pretendia rever parentes e amigos, e quem sabe agitar um pouco mais e transar algum show. O Joel foi comigo e acabou ficando definitivamente no Rio.

Chegando no Rio, fui até meu antigo bairro e agora vitorioso, pelo menos era o que as pessoas pensavam: ele deixou o Roberto Carlos para seguir a carreira artística. Não me interessava na época contar os verdadeiros motivos do meu afastamento do Roberto, porque eu ainda vivia do que restava de ligação entre nós dois. Fui até o Talma, o clube de minha infância e que durante minhas fugidas eu freqüentava, onde tinha muitos amigos. Quando cheguei foi aquela festa, afinal, pela falta do “Rei”, um emissário mesmo servia, e o emissário era filho da casa. Ficou acertado que eu faria um show no Talma, um show gratuito mas que representava muito para mim. O Joel sempre ao meu lado, me assessorando, me “cambonando” exatamente como eu fazia com o Roberto e levando aquilo com uma seriedade que até me constrangia.

No dia do show por incrível que pareça, eu estava nervosíssimo, mil pensamentos passavam em turbilhão pela minha cabeça, lembranças dos shows do Roberto os aplausos, o mamão podre no rosto, o delírio das fãs, a imprensa, a fúria do público... Eu mesmo não acreditava no Nichollas cantor, mas era tudo ou nada. A primeira surpresa foi ver o clube lotado

até o teto na noite do show (eu duvidava que tivesse metade da lotação esgotada) e depois do show duas outras surpresas, o aplauso entusiástico e Lourdes, uma linda menina de olhos tristes que mais tarde se tornou minha mulher.

Mas a vida continua e os empresários precisavam faturar: Fortaleza, São Paulo, Belo Horizonte, Santos, etc. e lá vai o Nichollas o cantor improvisado. Só que talvez até por uma questão de substituição (não me entendam mal) tive necessidade de preencher o vazio que havia ficado na minha vida, e a pessoa mais apropriada pareceu ser a moça do Talma, a Lourdes. O namoro ficou difícil, meio complicado, eu sempre viajando, ela muito pobre lutando com imensas dificuldades para sobreviver com dignidade.

A coisa foi ficando realmente séria, estávamos apaixonados um pelo outro. Eu estava começando a encontrar os primeiros obstáculos na carreira, e numa de minhas vindas ao Rio recebi a grande notícia: “Mariano estou grávida. Estou esperando um filho seu”. Em nenhum momento me passou pela cabeça outra idéia que não fosse a de ter naquele momento a oportunidade com a qual eu tanto sonhei: ter a minha família.

Imediatamente assumi tudo, fui até a mãe dela e esclareci a minha posição, deixando por conta dela a data do casamento. Viajei de novo - uma excursão pelo Nordeste. Em cada lugar a mesma coisa: “Venham todos assistir o show de Nichollas Mariano, ex-mordomo do ROBERTO CARLOS!!!. Um belo dia já em Santos, onde eu faria um show à noite recebi um telefonema: “Mariano, puxa vida até que enfim consegui te encontrar, aqui é Lourdes, estou tentando me comunicar com você há vários dias, que desespero - o nosso casamento é hoje! Nem lembro mais o que respondi, só sei que peguei um avião fui para o Rio, arranjei uma roupa emprestada, casei e peguei outro avião para fazer o show à noite em Santos.

Passada a loucura, aquela correria toda, parei para pensar. Pondo tudo na balança achei que aquele negócio de cantor, shows, boates, vida

noturna não se encaixava com o meu ideal de vida de casado. Abandonei tudo. Num gesto quixotesco decretei o fim de Nichollas Mariano e decidi começar vida nova, ser um sujeito “anormal”, salário fixo, carteira assinada e nada de luzes da ribalta.

Depois de viver quase 12 anos no universo paralelo do mundo artístico, como satélite do astro Roberto Carlos, eu não tinha a menor idéia de como era o mundo lá fora, do outro lado das câmeras.

E as grandes dificuldades começaram: Nome? - José Mariano.

Experiência anterior? Fui mordomo do Roberto Carlos...

- ?!? A reação das pessoas era a mais diversa possível, uns achavam graça. Outros erguiam os ombros num “e daí” fatal.

A situação foi piorando aceleradamente, à medida que o dinheiro acabava e meu filho ameaçava nascer a qualquer momento. Fomos “morar” no porão onde a minha sogra “morava”. Dividíamos a miséria. Até que resolvi pedir ajuda ao Roberto. Foi difícil chegar até ele. Eu até já havia me esquecido dos próprios entraves que eu criava para os “bicões” que disputavam uma bicadinha no meu amigo Roberto. Mas, por fim consegui juntar um dinheirinho e ir a São Paulo falar com ele. Pelo caminho, fui pensando na vida e suas reviravoltas. Lembrei-me do antigo hábito que adquiri de escovar os dentes o whisky escocês.

Mentalmente via o copo cheio do melhor scotch com a minha escova dentro e pela manhã o precioso líquido ser despejado pelo ralo e o copo se encher novamente. Lembrei-me das compras milionárias no supermercado, das constantes e rotineiras viagens de avião para todos os cantos, dos carrões, das boates, das badalações e, pensando nisso, fui chegando na multicolorida rodoviária de São Paulo.

Roberto me recebeu muito bem, talvez um pouco desconfortável, mas foi o Roberto de sempre. Ele me perguntou se eu estava precisando de dinheiro.

Respondi-lhe que o problema não era dinheiro porque esse acaba mais cedo ou mais tarde, o que eu queria era um emprego e ele podia me ajudar a conseguir isso. Ficou combinado que ele falaria com o diretor do antigo Banco do Estado da Guanabara e eu estaria nomeado para o departamento médico, pois tinha um curso de auxiliar de enfermagem. Disse-lhe que meu filho estava prestes a nascer e como o filho dele havia acabado de nascer a Nice mandou quase um enxoval completo, além de roupas para minha mulher, ele me deu algumas roupas dele, além de algum dinheiro. Voltei para o Rio animado e certo de que tudo mudaria dali para frente. Esperei ansioso o telefonema dele falando da minha nomeação. O telefonema não veio, eu não consegui falar com ele e de repente percebi que eu estava sozinho. Meu filho nasceu. A situação parecia insustentável e eu estava na rua de novo para lutar. Mas quem queria um ex-mordomo? Fui trabalhar como vendedor de livros e tive um imenso sucesso inicial. Todos os meus conhecidos do tempo das vacas gordas, compraram minhas coleções “para me ajudar”. Iludido pelo sucesso já achei que podia galgar um degrau e aluguei um pequeno apartamento para minha pequena família. Mas a fonte secou, e quando os amigos do tempo de Roberto Carlos acabaram e eu não consegui mais vender as maravilhosas coleções. Aí, a coisa ficou preta de verdade porque, incentivado pelos rendimentos polpudos das primeiras vendas, assumi dívidas.

Comecei a me entregar ao desespero e a beber. Minha mulher demonstrava claramente seu desagrado quanta a minha incapacidade de manter uma família.

Numa dessas conversas de botequim um “amigo” desses que aparecem para resolver as situações entre uma brahma e outra me abriu o olho: “Você está nessa merda porque quer. Onde já se viu o homem que foi secretário do Roberto Carlos passando dificuldades”. E como eu havia falado sobre a tal procuração que me dava plenos poderes para lidar com os negócios de Roberto Carlos ele sugeriu: “Eu se fosse você, usava essa procuração ...” No dia seguinte recebi a citação do oficial de justiça para pagar ou “ser despejado dali a alguns dias”.

Não pensei duas vezes. Fui até o banco onde o Roberto mantinha uma de suas contas e valendo-me da procuração saquei Cr\$ 3.000,00 que, se não me engano, era o suficiente para os aluguéis em atraso.

Nessa conta deveria haver pelo menos uns Cr\$ 200.000,00. Alguém alertou o Roberto que se comunicou imediatamente comigo. Ouvi pelo telefone o maior esfregão da minha vida e não pude dizer nada, a não ser agradecer a ele por não me entregar a polícia.

Recomeçar. Fui trabalhar como garçon, perfurador IBM, laboratorista. Nesse meio tempo cansada de tantas peripécias minha mulher me deixou levando junto meu filho. A luta continuou e fui vendedor, juiz de futebol (com passagens pelos gramados paraguaios), divulgador de gravadora, gerente de transportadora, vendedor de ações do mercado primário, sócio de inferninho, etc.

Trabalhei como secretário do Agnaldo Timóteo e cheguei a ensaiar alguns passos com o Jerry Adriani, mas nada deu certo.

Houve momentos em que o desespero e a aparente falta de saída me levaram a lamentar o meu envolvimento com Roberto Carlos, é natural, a fome é má conselheira.

Mas hoje eu agradeço a Deus por tudo que tivera oportunidade de passar.

Agradeço ao Roberto pelos anos incríveis que passamos juntos, pelas loucuras, pelas aventuras tão fantásticas que terão feito suspirar os leitores deste livro e por muito mais que não conto aqui mas que Roberto e eu sabemos passamos lado a lado.

Hoje sei que fui privilegiado, desses a quem o destino toca com seus dedos etéreos. Paguei um preço alto pela chance única de conviver com o maior ídolo da música brasileira de todos os tempos. Mas valeu a pena. Quantas pessoas poderiam escrever este livro ?

